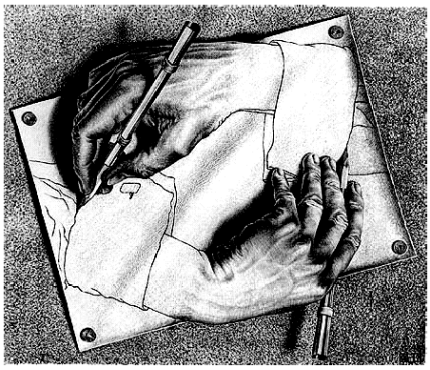
Português

Interpretação de Textos - Interpretação de Textos - [Médio]

01 - (FUVEST SP)

Observe esta gravura de Escher:



Na linguagem verbal, exemplos de aproveitamento de recursos equivalentes aos da gravura de Escher encontram-se, com freqüência,

a) nos jornais, quando o repórter registra uma ocorrência que lhe parece extremamente intrigante.

b) nos textos publicitários, quando se comparam dois produtos que têm a mesma utilidade.

c) na prosa científica, quando o autor descreve com isenção e distanciamento a experiência de que trata.

d) na literatura, quando o escritor se vale das palavras para expor procedimentos construtivos do discurso.

e) nos manuais de instrução, quando se organiza com clareza uma determinada seqüência de operações.

02 - (FUVEST SP)

Detenho-me diante de uma lareira e olho o fogo. É gordo e vermelho, como nas pinturas antigas; remexo as brasas com o ferro, baixo um pouco a tampa de metal e então ele chia com mais força, estala, raiveja, grunhe. Abro: mais intensos clarões vermelhos lambem o grande quarto e a grande cômoda velha parece regozijar-se ao receber a luz desse honesto fogo. Há chamas douradas, pinceladas azuis, brasas rubras e outras cor-de-rosa, numa delicadeza de guache. Lá no alto, todas as minhas chaminés devem estar fumegando com seus penachos brancos na noite escura; não é a lenha do fogo, é toda a minha fragata velha que estala de popa a proa, e vai partir no mar de chuva. Dentro, leva cálidos corações.

(Rubem Braga)

No excerto, o narrador propõe um percurso metafórico que vai do aquecimento da casa à imagem da partida de um barco. O segmento em que se reforça e se explicita essa passagem do plano literal ao metafórico é:

a) "...numa delicadeza de guache."

b) "...todas as minhas chaminés devem estar fumegando com seus penachos brancos na noite escura..."

c) "...não é a lenha do fogo, é toda a minha fragata velha que estala de popa a proa ..."

d) "...e vai partir no mar de chuva."

e) "Dentro, leva cálidos corações."

03 - (FUVEST SP)

O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

Tendo em vista o contexto das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é correto afirmar que, nesse excerto,

a) as imagens que se referem ao próprio livro, mesmo exageradas, apontam para características que esse romance de fato apresenta.

b) ao ponderar a opinião do leitor, o narrador novamente evidencia o respeito e a consideração que tem por ele.

c) o movimento autocrítico põe em relevo, principalmente, a modéstia e a contenção características do narrador.

d) o fato de o narrador dirigir-se diretamente ao leitor configura um momento de exceção no livro.

e) a atitude do narrador contradiz a constância e a persistência com que habitualmente executa seus projetos.

04 - (FUVEST SP)

Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Capítulo primeiro)

Considerando-se este fragmento no contexto da obra a que pertence, é correto afirmar que, nele,

a) o discurso argumentativo, de tipo racional e lógico, apresenta afirmações que ultrapassam a razão e o senso comum.

b) a combinação de hesitações e autocrítica já caracteriza o tom de arrependimento com que o defunto autor relatará sua vida improdutiva.

c) as hesitações e dúvidas revelam a presença de um narrador inseguro, que teme assumir a condução da narrativa e a autoridade sobre os fatos narrados.

d) as preocupações com questões de método e as reflexões de ordem moral mostram um narrador alheio às meras questões literárias, tais como estilo e originalidade.

e) as considerações sobre o método e sobre a lógica da narração configuram o modo característico de se iniciar o romance no Realismo.

05 - (FUVEST SP)

Comparando-se Brás Cubas e Macunaíma, é correto afirmar que, apesar de diferentes, ambos:

a) possuem muitos defeitos, mas conservam uma ingenuidade infantil, isenta de traços de malícia e de egoísmo.

b) tiveram seu principal relacionamento amoroso com mulheres tipicamente submissas, desprovidas de iniciativa.

c) não trabalham, caracterizando-se pela ausência de qualquer demanda ou busca que lhes mobilize o interesse.

d) narram suas histórias diretamente ao leitor, em primeira pessoa, depois de mortos: Brás Cubas, como defunto autor; Macunaíma, utilizando-se do papagaio.

e) têm a vida avaliada, na parte final dos relatos, em um pequeno balanço, ou breve avaliação de conjunto, com resultado negativo.

06 - (FUVEST SP)

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe[1] em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia[2] rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão[3]. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*)

Glossário:

[1] **algibebe**: mascate, vendedor ambulante.

[2] **saloia:** aldeã das imediações de Lisboa.

[3] **maganão:** brincalhão, jovial, divertido.

No excerto, as personagens manifestam uma característica que também estará presente na personagem Macunaíma. Essa característica é a:

a) disposição permanentemente alegre e bem-humorada.

b) discrepância entre a condição social humilde e a complexidade psicológica.

c) busca da satisfação imediata dos desejos.

d) mistura das raças formadoras da identidade nacional brasileira.

e) oposição entre o físico harmonioso e o comportamento agressivo.

07 - (ITA SP)

Assinale a opção cujos elementos do poema, melhor representam (metaforicamente) as qualidades "isenção (imparcialidade) e fidelidade (abnegação)":

a) Noivos e pétalas

b) Onda e morte

c) Lua e Pedra

d) Ar da noite e soldados

e) Flor e nuvem

08 - (ITA SP)

É necessário saber línguas estrangeiras?

Este parágrafo não se dirige àqueles que preparam teses sobre línguas ou literaturas estrangeiras. Com efeito, é absolutamente desejável que eles conheçam a língua sobre a qual vão discorrer. Igualmente desejável seria que, no caso de uma tese sobre um autor francês, ela fosse escrita em francês. Acontece isso em muitas universidades estrangeiras, e é justo.

(Eco, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva. 1986)

Dadas as asserções:

I. O julgamento expresso pelo autor através de "é justo" (linha 7) recai sobre o fato de que em algumas universidades uma tese deve ser escrita na língua em que o autor estudado escreveu suas obras.

II. O julgamento "é justo" recai sobre o fato de que somente no caso de uma tese sobre um autor francês, ela deva ser escrita na língua deste autor.

III. "Isso" (linha 6) tem como referencia o fato de que uma tese sobre um determinado autor deve ser escrita na língua em que este autor escreveu sua obra.

Está(ão) correta(s):

a) Apenas a I.

b) Apenas a II.

c) I e III.

d) II e III.

e) Todas.

09 - (ITA SP)

Leia o texto abaixo:

Você entra no bate-papo, conversa, troca e-mail, faz amizade. Passa horas navegando com um bando de estranhos. E nunca sabe ao certo com quem está falando. O anonimato pode ser uma das vantagens da rede, mas também uma armadilha.

Para tentar evitar possíveis decepções na hora da verdade, a Internet vai sofisticando recursos, unindo psicologia, tecnologia e diversão e tentado melhorar o que podemos chamar de relacionamento em rede.

As novidades são boas para quem aposta no virtual como alternativa na hora de conhecer novas pessoas e para quem não quer levar para a vida real um gato no lugar de uma lebre, com o devido respeito aos bichinhos (...)

(Viviane Zandonadi. Você sabe quem está falando? *Folha de São Paulo*, Caderno Informática, 4/8/1999.)

a) Escreva duas palavras ou expressões do texto que ganharam novos sentidos na área da informática.

b) Em se tratando de relacionamentos amorosos, levar "gato" (ou "gata") no lugar de lebre poderá ser um bom negócio. Explique por que é possível essa interpretação.

10 - (ITA SP)

Leia a tira de Miguel Paiva, puvlicada no jornal *O Estado de São Paulo*, de 11/8/1999, e responda à questão seguinte:

GATÃO DE MEIA-IDADE/*Miguel Paiva*



Escreva a(s) palavra(s) que desencadeia(m) o efeito cômico, e explique como se dá esse efeito.

11 - (ITA SP)

O anúncio abaixo, de uam rede de hipermercados, apareceu num *out door* por ocasião das festas de fim de ano.

"Seus amigos secretos estão no Carrefour."

Aponte duas interpretações possíveis para esse anúncio.

12 - (ITA SP)

Assinale a opção em que o provérbio apresenta construção sintática semelhante a:

"De mau corvo, mau ovo."

a) Em boca fechada, não entra mosca.

b) Palavra não quebra osso.

c) Não confies em casa velha, nem tampouco em amigo novo.

d) Longe dos olhos, longe do coração.

e) Quem vê cara, não vê coração.

13 - (ITA SP)

Assinale a opção que melhor traduz o trecho em destaque do texto abaixo:

O novo livro de Ubaldo pode ser visto como um belo exercício de retórica. Utiliza-se de Itaparica, da radioatividade natural e da história da ilha baiana para defender uma tese: *a de que homens e mulheres podem ser igualmente grandes em suas realizações e virtudes, mas não podem escapar de seus pecadilhos e prevaricações, se se querem grandes.*

(Sereza, H. C. Caderno 2/ Cultura. *O Estado de S. Paulo,* 16/7/2000.)

a) Os pequenos erros são inevitáveis e essenciais para a grandeza de homens e mulheres.

b) Os pequenos erros são importantes, mas não essenciais, para a grandeza de homens e mulheres.

c) Ainda que os pequenos erros sejam inevitáveis, não contribuem para a grandeza de homens e mulheres.

d) Não são os pequenos erros que tornam homens e mulheres grandes em suas realizações e virtudes.

e) Os pequenos erros são inevitáveis para a grandeza de homens e mulheres.

14 - (ITA SP)

O Nordeste se rende ao hábito de tomar café expresso. A região é a nova aposta das redes de cafeterias para expandir sua atuação no mercado nacional. Só este ano, a expectativa é que pelo menos mais 11 franquias sejam inauguradas nas principais capitais nordestinas. (...) O mito de que o café é um hábito dos paulistas começa a ser quebrado no Nordeste. Um bom indicador é o consumo per capita, que em âmbito nacional chega a 3,4 quilos por habitante/ano, contra um índice de 3,2 quilos na região.

(GUARDA, Adriana. *Gazeta Mercantil*, 12/03/2003.)

Sobre o texto, é possível afirmar que:

a) a inauguração de 11 franquias em capitais nordestinas é algo certo.

b) a região Nordeste é ainda inexplorada como consumidora de café.

c) não há mais o mito de que tomar café seja um hábito apenas dos paulistas.

d) no texto, a palavra *aposta* envolve a idéia de *desafio*.

e) as expressões *se rende* e *começa a ser quebrado* se equivalem em significado.

15 - (ITA SP)

Assinale a opção que melhor substitui a expressão destacada no trecho abaixo e, ao mesmo tempo, esteja de acordo com a relação por ela estabelecida.

(...) Embora o Enem seja um avanço *no sentido de permitir* uma avaliação do ensino médio, ele pode incorrer em um problema que existe atualmente: tornar-se um modelo para os currículos das escolas. (...)

(Caderno Especial. *Folha de S. Paulo*, 24/8/1999.)

a) que permite - restrição.

b) porque permite - explicação.

c) e permita - adição.

d) para permitir - finalidade.

e) a despeito de permitir - concessão.

16 - (UNIFOA MG)

A frase: “Ela tem a astúcia da serpente e seu veneno”.

O autor quis dizer com estas palavras que a personagem é:

a) Sensual e Perversa

b) Egoísta e Má

c) Falsa e Esperta

d) Pérfida e Má

e) Bela mas Traiçoeira

17 - (Mackenzie SP)

É preciso casar João,

é preciso suportar Antônio,

é preciso odiar Melquíades,

é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,

é preciso crer em Deus,

é preciso pagar as dívidas,

é preciso comprar um rádio,

é preciso esquecer fulana.

O paralelismo dos versos, no contexto, contribui para a expressão:

a) de uma visão idealizada das relações humanas.

b) da idéia do caráter ininterrupto das pressões sociais sobre o indivíduo.

c) da interrupção da obrigatoriedade.

d) do constante questionamento sobre a fugacidade do tempo.

e) do bem-estar produzido pela utopia como única possibilidade de realização.

18 - (Mackenzie SP)

Vocês mulheres têm isso de comum com as flores, que umas são filhas da sombra e abrem com a noite, e outras são filhas da luz e carecem do Sol. Aurélia é como estas; nasceu para a riqueza. Quando admirava a sua formosura naquela salinha térrea de Santa Teresa, parecia-me que ela vivia ali exilada. Faltava o diadema, o trono, as galas, a multidão submissa; mas a rainha ali estava em todo o seu esplendor. Deus a destinara à opulência.

Do texto depreende-se que:

a) romances românticos regionalistas, como Senhora, exaltam a beleza natural feminina.

b) os romances realistas de Aluísio Azevedo denunciam o artificialismo da beleza feminina.

c) as obras modernistas têm, entre outros, o objetivo de criticar a submissão da mulher à riqueza material.

d) a linguagem descritiva dos escritores naturalistas caracteriza a sensualidade e a espiritualidade da mulher.

e) a personagem feminina foi caracterizada sob a perspectiva idealizadora típica dos autores românticos.

19 - (Mackenzie SP)



Balão 1: Mamãe, Mafalda vai ficar para o lanche!

Balão 2: Tudo bem.

Balão 3: Olha, a minha mãe não gosta que a gente deixe o leite esfriar

Balão 4: Por isso, quando ela chamar, não vamos fazer ela esperar mais de dois ou três mortos.

O texto permite afirmar que:

a) a maioria dos pais prefere ignorar o que os filhos vêem pela TV.

b) a mãe da menina é extremamente rígida em relação ao cumprimento de horários.

c) os desenhos animados são a parte mais violenta da programação de TV no Brasil.

d) no Brasil, a cada hora, são exibidas sessenta mortes pela TV.

e) a quantidade de mortes na TV pode funcionar como um parâmetro temporal.

20 - (Mackenzie SP)

É muito mais inteligente pagar R$ 12 por adolescente num projeto de aprendizagem do que R$ 1.700 na Febem. Se não for por ética, é preciso romper com o sistema de exclusão social por inteligência.

Viviane Senna

De acordo com o texto,

a) ética e inteligência são inconciliáveis quando se trata de exclusão social.

b) diminuir gastos com a punição de adolescentes elimina a exclusão social.

c) controlar os custos envolvidos é prioridade quando o assunto é exclusão social.

d) bastaria a ética, mas aspectos financeiros podem ajudar a convencer da necessidade de agir contra a exclusão social.

e) os projetos educacionais da Febem são caros quando comparados aos oferecidos por outras instituições educativas.

21 - (Mackenzie SP)

Vasos podem ser fúteis? Sim, no início eram exatamente os vasos que podiam ser fúteis. **Futilia vasa**, entre os romanos antigos, eram os vasos, as jarras que deixavam vazar seu conteúdo líquido. Vasos fúteis, isto é, vasos furados.

Aplicado ao campo espiritual, fútil passou a significar “indiscreto, abelhudo”, “que deixa escapar (vazar) segredos”; depois, “leviano, sem autoridade moral, não confiável”. E nas arenas romanas, “fraco, sem importância”: **futiles competitores**, competidores medíocres.

Hoje, o adjetivo se aplica a coisas no sentido de “insignificante” (motivos fúteis) e a pessoas na acepção de “leviano, frívolo” (criatura, pessoa fútil).

Adaptado de Celso Pedro Luft

Assinale a alternativa correta.

a) No último parágrafo, há, entre parênteses, exemplos de uso das palavras insignificante e frívolo.

b) No segundo parágrafo, os significados de fútil referem-se ao contexto religioso das arenas romanas.

c) No segundo parágrafo, medíocres é usado como sinônimo de “razoáveis, medianos”.

d) No primeiro parágrafo, o segmento entre os romanos antigos especifica a referência temporal de no início.

e) No segundo parágrafo, a palavra depois equivale a “além disso” e é um dos indicadores do predomínio de linguagem coloquial no texto.

22 - (Mackenzie SP)

Você quer um som de cinema e uma imagem de alta resolução na sala da sua casa, mas não tem idéia com quem falar, onde procurar ou quanto vai gastar? Muitos já viram esse filme, mas poucos sabem como ele termina. O desfecho dessa misteriosa trama é muito mais simples do que parece. Você vai acompanhar a partir dessa semana, na revista Época, uma série que vai mostrar tudo que você sempre quis saber sobre Home Theater® mas não tinha pra quem perguntar. Sem mistério, sem drama. E com muita ação, fantasia, romance... Enfim, um final feliz para as suas dúvidas mais clássicas.

Revista Época

Considere as seguintes afirmações.

I. Em som de cinema, tem-se uma caracterização de som baseada em uma comparação implícita.

II. “Querer” e “ter”, usados no presente e no passado, ajudam a veicular o conteúdo de que os problemas do receptor terminaram.

III. As formas vai gastar e vai acompanhar explicitam incerteza do emissor em relação a essas ações do receptor do texto.

Assinale:

a) se apenas a afirmação I estiver correta.

b) se apenas as afirmações I e II estiverem corretas.

c) se apenas as afirmações II e III estiverem corretas.

d) se apenas as afirmações I e III estiverem corretas.

e) se apenas a afirmação III estiver correta.

23 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa correta.

a) A divergência do narrador com relação à concepção de amor veiculada pela ficção é prova de que o texto pertence ao Realismo.

b) No contexto, a crítica a poetas e prosadores funciona como estratégia para o narrador obter credibilidade dos leitores.

c) A temática do amor não correspondido, implícita no texto, revelanos um ponto de vista narrativo comprometido com a fidelidade aos fatos da realidade.

d) O estilo romântico do texto é comprovado pela linguagem rebuscada com que o narrador comenta a fragilidade do amor entre Simão e Teresa.

e) O aproveitamento de temática amorosa nos moldes de Romeu e Julieta, de Shakespeare, atesta o estilo clássico de Camilo Castelo Branco.

24 - (PUC MG)

Segundo a Revista *SUPERINTERESSANTE* (fevereiro de 2000, p. 92), ao ser questionado sobre qual teria sido a maior invenção desses últimos 2000 anos, “o escritor Douglas Rushkoff votou na **borracha de apagar**. Ele acha que esse prosaico instrumento nos deu a capacidade de corrigir nossos erros e tentar de novo, sem o que não desenvolveríamos governo, cultura nem ética.”

A forma como a Revista expõe o raciocínio de Douglas Rushkoff só **NÃO** poderia levar a concluir que:

a) os erros que não estejam documentados por textos escritos não podem ser corrigidos, pois não podem ser apagados.

b) o governo das comunidades que não têm escrita – porque não usa borracha – deixa os erros sem correção.

c) a construção da ética é fruto da capacidade de corrigir erros.

d) só há desenvolvimento da cultura quando os erros são corrigidos.

e) a possibilidade de refletir sobre os próprios atos seria viabilizada pela documentação escrita.

25 - (PUC MG)

Examine com atenção os enunciados abaixo, citados pela revista **VEJA** (22/12/99), e, em seguida, assinale a alternativa que apresenta consideração **INADEQUADA** sobre eles.

I) “Dirigir Marilyn Monroe era como dirigir Lassie.” (Otto Preminger – cineasta austríaco)

II) “A vantagem de ter mais de 60 anos é que você pode fazer coisas ridículas sem ligar para as conseqüências.” (Elizabeth Taylor – atriz)

III) “O homem é um animal racional que sempre perde a calma quando é chamado a agir de acordo com ditames da razão.” (Oscar Wilde – escritor irlândes)

a) Todos os enunciados são produzidos a partir da mesma estratégia: a comparação entre seres animados.

b) Sabendo-se que Lassie foi uma cadela que fez sucesso em seriados de TV, é possível concluir que o cineasta Otto Preminger supõe que Marilyn Monroe não era muito inteligente.

c) As "coisas ridículas" a que se refere Elizabeth Taylor são aquelas que não seriam aceitas pela sociedade quando realizadas por pessoas mais jovens.

d) O enunciado III pretende apresentar uma contradição humana, a de que o homem é racional, mas não sabe agir com razão.

e) Subentende-se, do enunciado II, que a sociedade permite que o homem maduro faça o que bem entender.

26 - (PUC MG)

Todas as passagens, de *Tarde da noite*, contêm exemplos de intertextualidade, **EXCETO**:

a) "– Bêbado, com duas garrafas de cerveja... De doze baixei pra duas; que progresso, hem? Eu podia até escrever um livro: *De como Me Curei do Alcoolismo*."

b) "Mamãe cantava muito aquela música que começa assim: *Tardes silenciosas de Lindóia*... Conhece?"

c) "Tom correndo atrás de Jerry e os dois lutando de espada na torre do castelo e o outro ratinho chegando por trás (...)"

d) "Pascal pensava mais na consciência, no pensamento – la pensée. E as implicações que ele tirava disso: Deus, a grandeza e a miséria do homem, a vaidade, etcétera."

e) "*O quê que você foi fazer no mato, Maria Chiquinha*, cantei, olhando para ela; ela ria, o rosto vermelho."

27 - (PUC MG)

Todos os contos, de *Tarde da noite*, estão corretamente identificados, **EXCETO**:

a) "Num sábado" – a curiosidade das pessoas em relação a um possível suicídio no centro da cidade.

b) "Aprendizado" – o primeiro contato de um menino talentoso com a inveja alheia.

c) "Felicidade" – fluxo narrativo ininterrupto sobre um homem em seu sofrido quadragésimo aniversário.

d) "Os sobreviventes" – reencontro de dois amigos em um bar que costumavam freqüentar na juventude.

e) "Tarde da noite" – diálogo por telefone no meio da noite entre pessoas que não se conhecem.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 28

Outro dia, falando na vida do caboclo nordestino, eu disse aqui que ele não era infeliz. Ou não se sente infeliz, o que dá no mesmo. Mas é preciso compreender quanto varia o conceito de felicidade entre o homem urbano e essa nossa variedade de brasileiro rural. Para o homem da cidade, ser feliz se traduz em "ter coisas": ter apartamento, rádio, geladeira, televisão, bicicleta, automóvel. Quanto mais engenhocas mecânicas possuir, mais feliz se presume. Para isso se escraviza, trabalha dia e noite e se gaba de bem sucedido. O homem daqui, seu conceito de felicidade é muito mais subjetivo: ser feliz não é ter coisas; ser feliz é ser livre, não precisar de trabalhar. E, mormente, não trabalhar obrigado. Trabalhar à vontade do corpo, quando há necessidade inadiável. Tipicamente, os três dias de jornal por semana que o morador deve a fazenda, segundo o costume, são chamados "a sujeição". O melhor patrão do mundo não é o que paga mais, é o que não exige sujeição. E a situação de meeiro é considerada ideal, não porque permita um maior desafogo econômico – o que nem sempre acontece – mas sim porque meeiro não é sujeito.

(Rached de Queiroz. Cem crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1989. p. 216)

28 - (UNIFOR CE)

Observe as frases abaixo.

I) Ser feliz não é ter coisas.

Ser feliz é não ter coisas.

II) …quando há necessidade inadiável.

…quando há inadiável necessidade.

III) …não é o que paga mais.

…é o que não paga mais.

Com a alteração da ordem das palavras, houve também alteração de sentido SOMENTE em:

a) I

b) III

c) I e II

d) I e III

e) II e III

TEXTO: 2 - Comum às questões: 30, 29, 31, 32

O mundo já testemunhou uma verdadeira guerra contra a introdução de novas tecnologias no local de produção. O movimento dos **luddities** da Inglaterra destruiu máquinas e equipamentos por achar que as tecnologias que fizeram a Revolução Industrial destruiriam o trabalho. Nos dias de hoje, ainda há quem atribua às tecnologias a causa do desemprego. É comum citar a destruição de postos de trabalho provocada por uma colheitadeira que dispensa centenas de trabalhadores rurais.

Essa análise não encontra respaldo na realidade. Uma nova tecnologia pode ter um impacto direto destrutivo e outro indireto construtivo, ao reduzir postos de trabalho onde entra e criar oportunidades de trabalho em outros setores. É verdade que isso não acontece automaticamente. Os impactos são mediados pelo tipo de administração, pelo ambiente institucional e pelas regras da economia.

Quando novas tecnologias são incorporadas por empresas bem administradas e são usadas para baixar os preços e instigar a demanda de bens e serviços novos, os impactos positivos são enormes. Em 1960, uma ligação telefônica de três minutos entre o Brasil e os Estados Unidos custava cerca de US$ 45,00 (em valores de 2001); hoje, custa menos de US$ 3,00, graças ás inovações tecnológicas. Isso intensificou o volume das transações comerciais, o que, por sua vez, ampliou os investimentos e o emprego.

A história mostra que o emprego aumenta quando a produtividade se eleva. Por outro lado, uma empresa que perde produtividade deixa de competir, destruindo empregos.

(O Estado de S. Paulo, A3, 29/12/01)

29 - (UNIFOR CE)

Considerando-se o contexto, há relação de causa e efeito entre:

a) uma verdadeira guerra // contra a introdução de novas tecnologias.

b) destruição de máquinas e equipamentos // emprego de nova colheitadeira.

c) criação de novas oportunidades de trabalho // implantação planejada de novas tecnologias.

d) aceitação das regras da economia // novas tecnologias incorporadas por empresas.

e) aplicação de inovações tecnológicas // diminuição do preço da ligação telefônica.

30 - (UNIFOR CE)

É verdade que isso não acontece automaticamente.

A frase acima está reescrita, conversando, porém, o sentido original, em:

a) Essa é uma verdade admitida automaticamente.

b) Na verdade, isso ocorre, mas não dessa maneira.

c) Isso, porém, não acontece automaticamente.

d) A verdade não se mostra automaticamente.

e) É assim que isso ocorre sempre.

31 - (UNIFOR CE)

A informação sobre o preço da ligação telefônica aparece, no penúltimo parágrafo.

a) em oposição ao que vem sendo afirmado, desde o início do texto.

b) para comprovar que nem sempre se obtêm lucros com investimentos tecnológicos.

c) para mostrar que, às vezes, os resultados da tecnologia podem ser mínimos.

d) como exemplo de resultado positivo do uso de inovações tecnológicas.

e) como um esclarecimento da duplicidade de resultados da aplicação da tecnologia.

32 - (UNIFOR CE)

De acordo com o texto,

a) a tecnologia oferece condições de produtividade às empresas, ampliando o mercado de trabalho e a competitividade entre elas, apesar de impactos negativos em algumas situações.

b) o vandalismo, existente em todas as épocas e em todo o mundo, prejudica sempre aqueles que dependem dos postos de trabalho resultantes de investimentos tecnológicos.

c) um país si terá uma economia realmente forte e estável a partir da abertura gradual do mercado de trabalho, que só é possível com o uso de novas tecnologias.

d) o desemprego sempre apresenta índices mais altos em épocas de desenvolvimento tecnológico em qualquer lugar do mundo, apesar de informações às vezes conflitantes.

e) a realidade mostra que a redução de postos de trabalho ainda é estatisticamente mais evidente do que os benefícios trazidos pelo desenvolvimento tecnológico.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 33

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, espondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, por que roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

Padre Antônio Vieira

33 - (Mackenzie SP)

Assinale a afirmativa correta.

a) No contexto, a expressão *tão mau ofício* (linha 4) refere-se à atividade dos *pescadores*.

b) A pergunta do pirata comprova que ele *não era medroso nem lerdo* .

c) A frase *Assim é* explicita a concordância do autor com relação à atitude de Alexandre.

d) No contexto, “pescador” está para “grandeza”, assim como “culpa” está para “imperador”.

e) A palavra *Alexandre* tem, no texto, o mesmo sentido de “ladrão de pescadores”.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 34

Amor ao Saber

Que me dêem uma boa razão para que os jovens se apaixonem pela Ciência. Para isto seria necessário que os cientistas fossem também contadores de estórias, inventores de mitos, presenças mágicas em torno das quais se ajuntassem crianças e adolescentes, à semelhança do *flautista de Hamelin*, feiticeiro que tocava sua flauta encantada e os meninos o seguiam...

Todo início contém um evento mágico, um encontro de amor, um deslumbramento no olhar... É aí que nascem as grandes paixões, a dedicação às causas, a disciplina que põe asas na imaginação e faz os corpos voarem. Olho para os nossos estudantes, e não me parece que seja este o seu caso. E eles me dizem que os mitos não puderam ser ouvidos. O ruído da guerra e o barulho das moedas era forte demais. Quanto à flauta, parece que estava desafinada. O mais provável é que o flautista se tivesse esquecido da melodia...

Não, não se espantem. Mitos e magia não são coisas de mundos defuntos. E os mais lúcidos sabem disto, porque não se esqueceram de sonhar. Em 1932, Freud escreveu uma carta a Einstein que fazia uma estranha pergunta/afirmação: “Não será verdade que toda Ciência contém, em seus fundamentos, uma mitologia?” Dirão os senhores que não pode ser assim. Que mitologia é coisa da fantasia, de falsa consciência, de cabeça desregulada. Já a Ciência é fala de gente séria, pés no chão, olhos nas coisas, imaginação escrava da observação...

Pode ser. Mas muita gente pensa diferente. Primeiro amar, depois conhecer. Conhecer para poder amar. Porque, se se ama, os olhos e os pensamentos envolvem o objeto, como se fossem mãos, para colhê-lo. Pensamento a serviço do corpo, Ciência como genitais do desejo, para penetrar no objeto, para se dar ao objeto, para experimentar união, para o gozo. Lembram-se de Nietzche? Pensamento, pequena razão, instrumento e brinquedo da grande razão, o corpo.

Sei que tais pensamentos são insólitos. E me perguntarão onde foi que os aprendi. Direi baixinho, por medo de anátema, que foi na leitura de minha Bíblia, coisa que ainda faço, hábitos de outrora. E naquele mundo estranho e de cabeça para baixo, como Pinóquio às avessas ou nas inversões do espelho das aventuras de Alice, conhecimento não é coisa de cabeça e nem de pensamento. É coisa do corpo inteiro, dos rins, do coração, dos genitais. E diz lá, numa candura que tomamos por eufemismo, que “Adão conheceu sua mulher. E ela concebeu e pariu um filho”.

Conhecimento é coisa erótica, que engravida. Mas é preciso que o desejo faça o corpo se mover para o amor. Caso contrário, permanecem os olhos, impotentes e inúteis... Para conhecer é preciso primeiro amar.

E é esta a pergunta que estou fazendo: que mágico, dentre nós, será capaz de conduzir o fogo do amor pela Ciência? Que estórias contamos para explicar a nossa dedicação? Que mitos celebramos que mostrem aos jovens o futuro que desejamos?

Ah! É isto. Parece que as utopias se foram. Ciência e cientistas já não sabem mais falar sobre esperanças. Só lhes resta mergulhar nos detalhes do projeto de pesquisa, financiamentos, organização – porque as visões que despertam o amor e os símbolos que fazem sonhar desapareceram no ar, como bolhas de sabão. Especialistas que conhecem cada vez mais, de cada vez menos têm medo de falar sobre mundos que só existem no desejo.

Claro que não foi sempre assim. Houve tempo em que o cientista era ser alado, imaginação selvagem, que explicava às crianças e aos jovens os gestos de suas mãos e os movimentos do seu pensamento, apontando para um novo mundo que se anunciava no horizonte. Terra sem males, a natureza a serviço dos homens, o fim da dor, a expansão da compreensão, o domínio da justiça. Claro, o saber iria tornar os homens mais tolerantes. Compreenderiam o absurdo da violência. Deixariam de lado o instrumento de tortura pela persuasão suave do ensino. Os campos ficariam mais gordos e perfumados. As máquinas libertariam os corpos para o brinquedo e o amor. E os exércitos progressivamente seriam desativados, porque mais vale o saber que o poder. As espadas seriam transformadas em arados e as lanças em podadeiras. Realização do sonho do profeta Isaías, de harmonia entre bichos, coisas e pessoas.

Interessante. Estes eram mitos que diziam de amor, harmonia, felicidade, estas coisas que fazem bem à vida e invocam sorrisos. Quem não se alistaria como sacerdote de tão bela esperança?

Foram-se os mitos do amor.

Restaram os mitos do poder.

As guerras entre os mundos, os holocaustos nucleares, os super-heróis de cara feia, punhos cerrados e poder imbatível. Ah! Quem poderia pensar num deles jogando bolinha de gude, ou soprando bolhas de sabão, ou fazendo amor? Certamente que bolas, bolhas e corpos se estraçalhariam ante o impacto do poder. Não é por acidente que isto aconteceu. É que a Ciência, de realizadora do desejo, se metamorfoseou em aliada da espada e do dinheiro. Os cientistas protestarão, é claro, lavando suas mãos de sangue ou de lucro. E com razão. Mas, este não é o problema. É que a Ciência é coisa cara demais e o desejo pobre demais. E, na vida real, as princesas caras não se casam com plebeus sem dinheiro. A Ciência mudou de lugar. E, com isto, mudaram-se também os mitos.

Que estórias contaremos para fazer nossas crianças e nossos jovens amar o futuro que a Ciência lhes oferece?

Falaremos sobre o fascínio das usinas nucleares?

Quem sabe os levaremos a visitar Cubatão. Protestarão de novo, dizendo que não é Ciência. Como não? Cubatão não será filha, ainda que bastarda, da Química, da Física, da Tecnologia, em seu casamento com a Política e a Economia?

Poderemos fazer um passeio de barco no Tietê. Sei que não foi intenção da Ciência, sei que não foi planejado pelos cientistas. Mas ele é um sinal, aperitivo, amostra, do mundo do futuro. De fato, o futuro será chocante. Só que não da forma como Toffler pensa.

Parece que só nos resta o recurso ao embuste e à mentira, dos mitos da Terceira Onda. Mas como levar a sério um mito sorridente que não chora ante a ameaça da guerra? "Se um cego guiar outro cego, cairão ambos na cova..."

Que me dêem uma boa razão para que os jovens se apaixonem pela Ciência. Sem isto, a parafernália educacional permanecerá flácida e impotente. Porque sem uma grande paixão não existe conhecimento.

(ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*; o fim dos vestibulares.

São Paulo: Ars Poética, 1995. p. 95 - 99)

34 - (EFOA MG)

"Que me dêem uma boa razão para que os jovens se apaixonem pela Ciência." (§1) Para o autor, seria necessário que os cientistas tivessem todos os talentos abaixo, EXCETO:

a) contadores de estórias.

b) inventores de mitos.

c) presenças mágicas.

d) exímios flautistas.

e) encantadores de jovens.

TEXTO: 5 - Comum às questões: 35, 36, 37

Dorme, ruazinha… É tudo escuro

E os meus passos, quem é que pode ouví-los?

Dorme o teu sono sossegado e puro

Com teus lampiões, com teus jardins tranqüilos…

Dorme… Não há ladrões, eu te asseguro…

Nem guardas para acaso perseguí-los…

Na noite alta, como sobre um muro,

As estrelinhas cantam como grilos…

O vento está dormindo na calçada,

O vento enovelou-se como um cão…

Dorme, ruazinha… Não há nada…

Só os meus passos… Mas tão leves são

Que até parecem, pela madrugada,

Os da minha futura assombração…

(QUINTANA, Mario. A rua dos cataventos. Porto Alegre: Globo, 1940.)

35 - (CEFET RJ)

No texto , publicado na década de 40, NÃO vemos desenhar-se:

a) um cenário utópico, aparentemente impermeável às mazelas e contradições da vida moderna.

b) uma espécie de acalanto para embalar o sono de uma pequena rua deserta durante a madrugada.

c) um mundo onde a natureza e as coisas estão vivas e se relacionam em secreta harmonia.

d) uma oportunidade de relaxamento, já que, neste final de século, ninguém mais tem o privilégio de ter um sono sossegado.

e) um momento de suprema tranqüilidade em que a noite é análoga a um muro, o canto das estrelas soa como o dos grilos e o vento dorme enrodilhado como um cão.

36 - (CEFET RJ)

Quanto à forma o texto é:

a) uma cantiga de ninar que serve para fazer adormecer as crianças e os adultos que residem na "ruazinha".

b) um poema inovador, em verso livre, em sinfonia com a estética modernista.

c) um soneto, o que mostra a insubmissão ou indiferença do poeta em relação aos movimentos estéticos que estão na ordem do dia.

d) uma obra aberta de caráter político e panfletário, comum nesta década.

e) uma crônica, na qual o autor flagra um momento singular e poético do cotidiano.

37 - (CEFET RJ)

No texto , o único ser humano presente neste cenário é o eu-lírico,

a) cuja presença constitui um empecilho à paz completa do ambiente.

b) que, com sua presença, impede que a natureza e as coisas revivam.

c) que encoraja a rua a dormir sossegada, garantindo-lhe que não corre qualquer perigo.

d) que percorre solitariamente a rua pela madrugada, alheio ao momento poético.

e) que vela pelo sono das pessoas, dos animais, das coisas e da natureza.

TEXTO: 6 - Comum à questão: 38

Boa resposta

FFHH tem insistido em mostrar na sua campanha que nos anos 80 ele e Lula estavam juntos. Faz isso queixando-se do que Lula diz dele hoje. Não é justo. Estiveram juntos em 1980 e estão separados em 1998. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Com esse truque, o presidente cai numa armadilha semelhante à que se diz ter acontecido com Carlos Lacerda quando ele governava a Guanabara. Foi visitar a Polícia Central e viu-se recebido pelo diretor do Dops, Cecil Borer, policial de má fama desde o tempo em que Lacerda militava na esquerda.

– Quem diria, Borer, que haveríamos de nos encontrar nesta situação – disse Lacerda.

– Pois é, governador, **mas quem mudou não fui eu** – respondeu Borer.

(Elio Gaspari, *Folha de S.Paulo*, 27.09.98, p. 1–8.)

38 - (PUC MG)

Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta comentário adequado sobre o texto.

a) O autor estabelece, no texto, uma comparação entre Fernando Henrique Cardoso e Cecil Borer.

b) A resposta de Borer a Lacerda leva a crer que aquele não poderia ser encarado como um traidor.

c) O trecho em negrito deve ser interpretado como contra-argumento ao que Borer acreditava que Lacerda tinha em mente ao fazer o comentário que fez, e não propriamente ao comentário.

d) O uso irônico de FFHH denota a imagem que o autor do texto e também alguns participantes da crônica política têm do Presidente – alguém que se vê melhor do que mostra ser.

e) Todos os três trechos grifados no texto indicam a opinião de seu autor.

TEXTO: 7 - Comum às questões: 39, 40

O OLHAR TAMBÉM PRECISA APRENDER A ENXERGAR

Há uma historinha adorável, contada por Eduardo Galeano, escritor uruguaio, que diz que um pai, morador lá do interior do país, levou seu filho até a beira do mar. O menino nunca tinha visto aquela massa de água infinita. Os dois pararam sobre um morro. O menino, segurando a mão do pai, disse a ele: “Pai, me ajuda a olhar”. Pode parecer uma espécie de fantasia, mas deve ser a exata verdade, representando a sensação de faltarem não só palavras mas também capacidade para entender o que é que estava se passando ali.

Agora imagine o que se passa quando qualquer um de nós pára diante de uma grande obra de arte visual: como olhar para aquilo e construir seu sentido na nossa percepção? Só com auxílio mesmo. Não quer dizer que a gente não se emocione apenas por ser exposto a um clássico absoluto, um Picasso ou um Niemeyer ou um Caravaggio. Quer dizer apenas que a gente pode ver melhor se entender a lógica da criação.

(Luís Augusto Fischer, **Folha de S. Paulo**)

39 - (FUVEST SP)

Relacionando a história contada pelo escritor uruguaio com “o que se passa quando qualquer um de nós pára diante de uma grande obra de arte”, o autor do texto defende a idéia de que:

a) o belo natural e o belo artístico provocam distintas reações de nossa percepção.

b) a educação do olhar leva a uma percepção compreensiva das coisas belas.

c) o belo artístico é tanto mais intenso quanto mais espelhe o belo natural.

d) a lógica da criação artística é a mesma que rege o funcionamento da natureza.

e) a educação do olhar devolve ao adulto a espontaneidade da percepção das crianças.

40 - (FUVEST SP)

Analisando-se a construção do texto, verifica-se que:

a) há paralelismo de idéias entre os dois parágrafos, como, por exemplo, o que ocorre entre a frase do menino e a frase “Só com auxílio mesmo”.

b) a expressão “espécie de fantasia”, no primeiro parágrafo, é retomada e traduzida em “lógica da criação”, no segundo parágrafo.

c) a expressão “Agora imagine” tem como função assinalar a inteira independência do segundo parágrafo em relação ao primeiro.

d) a afirmação contida no título restringe-se aos casos dos artistas mencionados no final do texto.

e) as ocorrências da expressão “a gente” constituem traços da impessoalidade e da objetividade que marcam a linguagem do texto.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 41

Entre pergaminhos humanos e *bits* eletrônicos: o livro na era do computador

E afinal, o livro tem lugar na cultura globalizada ou está prestes a virar peça de museu? A *Internet* seria o substituto definitivo para esseobjeto que participou da própria invenção do humano? Especulações sobre o destino da cultura de papel na era da informática pecam por considerar que os livros são objetos naturais que se opõem ao computador, artificial e frio, em uma dicotomia do tipo natureza *versus* cultura. No imaginário popular, a leitura e a escrita seriam aptidões naturais, assim como comer, dormir, andar. Apaga-se o fato de que livros de papel são eles próprios invenções tecnológicas. Um esquecimento explicável: se consideramos o pergaminho como protótipo do livro moderno, lá se vão mais de 20 séculos.

Foi tanto tempo, que naturalizamos essa convivência e passamos a ignorar o livro como um elemento de cultura que se modifica e se adapta aos aparatos tecnológicos de forma lenta, mas profunda. Cada corpo que lhe deu abrigo alterou a forma de leitura e nossa própria relação com o conhecimento. Seja na passagem do papiro (papel obtido do preparo de hastes de juncos) para o pergaminho (feito de pele de animal) ou na passagem das pesadas encadernações do século XVIII para os livros de bolso e, finalmente, para o livro eletrônico, muito mudou.

Agora como nunca, a história do livro e da leitura começa a sair dos círculos dos bibliófilos e eruditos para satisfazer a curiosidade pública geral. E não é paradoxal que caia no interesse popular – exatamente quando as previsões mais apocalípticas anunciam o fim da cultura do papel – se o medo do desconhecido é o que faz a modernidade debruçar-se sobre o passado. No momento em

que hábitos de leitura se modificam, acorremos ao passado para compreender e suportar melhor a revolução tecnológica, sem a impressão de se dar um salto no abismo.

Um dos momentos mais fascinantes da história do livro – que atraiu ficcionistas e estudiosos – foi o da descoberta da leitura silenciosa, ainda no início do primeiro milênio. Eles retomam as *Confissões*, em que Santo Agostinho (século V) registra seu olhar de assombro ao surpreender o bispo Ambrósio lendo na cela individual. Santo Agostinho viajara pelo mundo, mas jamais imaginara que alguém pudesse ler daquela forma, sem mover os lábios, usando apenas os olhos e a mente e buscando o sentido no coração. Era um revertério para a leitura em voz alta, calcada no som e no ritmo. A epifania de Santo Agostinho nos provoca outra: a leitura também é uma técnica.

Uma viagem livresca no tempo nos permite perceber, ainda, que todos os aparatos tecnológicos assumidos pelo livro coexistem na era da informática. Pensemos nos *griots*, os guerreiros cantadores que viajam a pé de uma tribo a outra em algumas regiões da África Ocidental. O predomínio quase total da oralidade e a ausência de livros não impedem que as palavras caminhem no corpo dos guerreiros, dando permanência à cultura dessas gentes. Tatuadas na própria pele, as palavras caminham e contam histórias das tribos, genealogia, magia, ritos. Exibem mapas geográficos, canções, ideogramas com avisos de guerra. Enquanto isso, no continente ao lado, a comunicação se dá via satélite.

A *web* é, em si, muito mais uma quimera tecnológica, onde coabitam formas passadas, presentes e futuras, do que uma superação total do velho pelo novo. Como bem observou Pierre Lévy, o computador incorpora diversas mídias (televisão, telex, livro, rádio, telefone, fax, vídeo, gravador, cinema em um sincretismo de formas e linguagens (verbal e icônica, sem se reduzir a nenhuma delas. O novo não apaga o velho, mas, ao incidir sobre ele, recria-o, transforma-o.

A roda da história circunscreve seu traçado torto e, a cada nova espiral, ao mesmo tempo retoma e modifica velhas práticas de leitura. Os *chats*, grupos de discussão ou a correspondência trocada pela *Internet* mostram que o meio eletrônico recupera, por exemplo, certa espontaneidade e fluidez da literatura oral. Pode também devolver a voz ao texto, sem roubar a imagem da escrita, além de retomar a iconografia. Mas a leitura vertical na tela, por meio da barra de rolamento, padece da limitação dos rolos de pergaminho, que obrigavam o leitor a seguir parte por parte, com as mãos presas ao aparato. Nesse aspecto, o livro moderno manteria a vantagem de permitir uma visualização mais imediata do todo da obra ao ser manipulado horizontalmente. Por outro lado, o leitor não pode reescrevê-lo e modificá-lo com a mesma facilidade que teria no computador, em que o navegador experimenta uma produtiva confusão de papéis entre autor e leitor.

Entre as mudanças impactantes do computador está a inigualável heterogeneidade do meio. Capaz de associar imagem, som e movimento ao verbal, provoca quase uma experiência extática, embora desvalorize o sentido do tato, a sensação afetiva de se acariciar um livro ou de se guardar uma lágrima nas páginas amarelas do papel, como bem anotou José Saramago. Chartier aponta para uma separação da leitura de toda forma de espaço comunitário que ainda sobrevive ao

período industrial, a exemplo dos saraus literários, escolas, bibliotecas, cafés, ônibus. Por outro lado, o aspecto coletivo da leitura pode ser recuperado, ao menos virtualmente, nos grupos de discussão e na leitura a várias mãos que só uma rede interligada de computadores proporciona.

Há perdas e ganhos a cada grande mudança. Mas os períodos de transição tecnológica são únicos porque revelam, para os que nele vivem, os elos da história. É um privilégio para leitores e historiadores participar dessa experiência, por mais desafiante que seja. A multiplicidade de recursos e oferta democrática de aparatos de leitura deve ser incentivada. O múltiplo é includente, enquanto o domínio de uma só tecnologia exclui e marginaliza. Então, que ao lado dos *inputs* do *e-book* haja lugar para as velhas superfícies de inscrição. Que os navegadores possam "baixar" o novo suspense de Stephen King na *Internet*, mas também que os cantadores negros continuem a desfilar seus corpos-livros pela África, como pergaminhos ambulantes. E que haja sempre obras de papel para nos humanizar entre suas asas.

WANDELLI, Raquel. Entre pergaminhos humanos e bits eletrônicos: o livro na era do computador. Disponível em:

http://www.escritoriodolivro.org.br/. Acesso em: 27 maio 2003. (Adaptado)

41 - (UFMG)

Com base na leitura feita, é **CORRETO** afirmar que o objetivo do texto é

a) constatar a permanência e a importância do livro no mundo globalizado.

b) condenar o impacto das novas tecnologias sobre o material impresso.

c) simular as experiências do leitor em contato com o meio eletrônico.

d) defender a idéia de que o computador supera as outras mídias.

TEXTO: 9 - Comum à questão: 42

Texto 1

Cidade prevista

Guardei-me para a epopéia que jamais escreverei. Poetas de Minas Gerais e bardos do Alto-Araguaia, vagos cantores tupis, recolhei meu pobre acervo, alongai meu sentimento. O que eu escrevi não conta. O que desejei é tudo. Retomai minhas palavras, meus bens, minha inquietação, fazei o canto ardoroso, cheio de antigo mistério mas límpido e resplendente. Cantai esse verso puro, que se ouvirá no Amazonas, na choça do sertanejo e no subúrbio carioca, no mato, na vila X, no colégio, na oficina, território de homens livres que será nosso país e será pátria de todos.

Irmãos, cantai esse mundo que não verei, mas virá um dia, dentro em mil anos, talvez mais. não tenho pressa. Um mundo enfim ordenado, uma pátria sem fronteiras, sem leis e regulamentos, uma terra sem bandeiras, sem igrejas nem quartéis, sem dor, sem febre, sem ouro, um jeito só de viver, mas nesse jeito a variedade, a multiplicidade toda que há dentro de cada um. Uma cidade sem portas, de casas sem armadilha, um país de riso e glória como nunca houve nenhum. Este país não é meu nem vosso ainda, poetas. Mas ele será um dia o país de todo homem.

(Carlos Drummond de Andrade, de *A rosa do povo)*

Texto II

"[...] Não eram bem treze horas e já o 35 desembocava no parque Pedro II outra vez, à vista do Palácio das Indústrias. Estava inquieto mas modorrento, que diabo de sol pesado que acaba com a gente, era por causa do sol. Não podia mais se recusar o estado de infelicidade, a solidão enorme, sentida com vigor. Por sinal que o parque já se mexia bem agitado. Dezenas de operários, se via, eram operários endomingados, vagueavam por ali, indecisos, ar de quem não quer. Então nas proximidades do palácio, os grupos se apinhavam, conversando baixo, com melancolia de conspiração. Polícias por todo lado.

O 35 topou com o 486, grilo quase amigo, que policiava na Estação da Luz. O 486 achara jeito de não trabalhar aquele dia porque se pensava anarquista, mas no fundo era covarde. Conversaram um pouco [...]. Pararam bem na frente do Palácio das Indústrias que fagulhava de gente nas sacadas, se via que não eram operários, decerto os deputados trabalhistas, havia até moças, se via que eram distintas, todos olhando para o lado do parque onde eles estavam.

Foi uma nova sensação tão desagradável que ele deu de andar quase fugindo, polícias, centenas de polícias, moderou o passo como quem passeia. Nas ruas que davam pro parque tinha cavalarias aos grupos, cinco, seis, escondidos na esquina, querendo a discrição de não ostentar força e ostentando. Os grilos ainda não faziam mal, são uns (palavrão)! O palácio dava idéia duma fortaleza enfeitada; entrar lá dentro, eu!

(Mário de Andrade, Primeiro de maio", *Contos novos)*

42 - (FATEC SP)

Considere as afirmações abaixo a respeito dos Textos I e II.

I) No Texto I, a experiência do sujeito lírico, num tempo histórico marcado pela injustiça e pela desigualdade, não eliminou seu desejo utópico; no Texto II, a experiência do protagonista revela sua progressiva compreensão do tempo histórico e de sua incapacidade para transformá-lo sozinho.

II) No Texto I o sujeito lírico, isolado, trata de seus sonhos pessoais e sabe que eles envolvem problemas individuais a serem superados com coragem; no Texto II, o protagonista, embora solitário, deseja unir-se a seus companheiros, mas só vê operários covardes.

III) A realização da utopia do sujeito lírico, no Texto I, inclui a ação daqueles que puderem dar continuidade a seus desejos de um mundo livre; no Texto II, o mundo surge representado como conflito de classes (operários e instituições que defendem interesses patronais).

IV) O sujeito lírico, no Texto I, entende que a criação da poesia, sozinha, não pode alterar a realidade e, desse ponto de vista, tem semelhanças com o personagem 35, do Texto II, que gostaria de comemorar o 1º de maio junto com operários mas se vê cercado pelos policiais.

São corretas apenas as afirmações:

a) I e II.

b) III e IV.

c) I, II e III.

d) I, II e IV.

e) II, III e IV.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 43

"A caatinga estende-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas.

O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

- Anda, excomunguado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde."

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. 16. ed. São Paulo: Livraria Martins, p. 3)

43 - (CEFET RJ)

Considerando o romance Vidas secas, de Graciliano Ramos, é FALSO afirmar que:

a) o seu regionalismo é crítico, indo além do neo-realismo, que caracterizou a segunda fase modernista.

b) o "herói" é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo.

c) a natureza interessa ao romancista só enquanto propõe o momento da realidade hostil.

d) o autor abre ao leitor o universo mental esgarçado e pobre de um homem e sua família, tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar: o "dono" e o "soldado amarelo".

e) o narrador, ao apresentar-se na 1ª pessoa do discurso, parece ter sumido por trás das criaturas, mas na verdade apenas deslocou o eu para a natureza e para o latifúndio.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 44

"Ali na casa do carro o mestre Amaro ficava o dia inteiro no serviço. Os arreios do cabriolé estavam em petição de miséria, tudo podre, levado do diabo. A princípio, quis voltar para casa. Não havia material para o serviço. O velho não dava sola, não tinha nada para o conserto da carruagem. Afinal ficara. No fundo, o coronel Lula agradava. Parecia-lhe um homem aluado. Ficou, trouxe de casa o material necessário e estava ali, botando ordem no luxo do coronel Lula. Pelo menos, o carro do coronel Lula cantaria pela estrada, seria mais alguma coisa que o cavalo ruço do coronel José Paulino. O cabriolé consolava um pouco o seleiro da mágoa que lhe dava aquele senhor muito rico, muito cheio de terras, que lhe dera gritos como se fosse um negro cativo. Gostava de ver o coronel

Lula no cabriolé, enchendo a estrada com a sua parelha. O diabo era aquele orgulho do velho, aquela soberba. O moleque se fora e agora, sozinho no trabalho, os pensamentos enchiam a cabeça do mestre e começavam a sair, a criar asas. A vida daquele povo da casa-grande ninguém podia compreender. D. Amélia tocava piano. Era outra satisfação do seleiro. Em casa do coronel Lula havia piano. Era o único que existia por ali. Em Goiana havia uma senhora de engenho que tocava piano. Por ali, só d. Amélia. O velho José Paulino fora casado com uma filha do major João Alves de Itambé, mulher que perto de d. Amélia fazia vergonha. D. Amélia quando saía de cabriolé era como se fosse dona de todas as terras por onde ela passava de carro. As negras não gostavam dela porque não vivia na cozinha, ouvindo enredadas, metida nas conversas dos camumbembes. Com o cabriolé, d. Amélia era outra força que o seleiro tinha contra o coronel José Paulino. Mas como seria aquele povo por dentro? O velho Lula só andava de gravata, não saia de casa a pé, a filha estivera com as freiras no Recife, e havia aquela doida, andando dentro de casa sem parar, a irmã de d. Amélia. E havia aquele piano. Era tudo o que o povo sabia. A sala de visitas tinha muito quadro, tinha um espelho para o corpo inteiro, tapetes no chão. O velho Lula não abria as janelas da sala de visitas; vivia ela fechada, com o piano de d. Amélia para um canto. E de que vivia aquele povo? As safras do Santa fé não davam cem pães. Diziam que o velho todo ano ia ao Recife trocar moedas de ouro que o capitão Tomás deixara para a filha."

(REGO, José Lins do. Fogo morto. 53. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.)

44 - (EFEI SP)

Assinale a alternativa na qual a passagem destacada do texto demonstra que mestre Amaro sentia orgulho do Coronel Lula:

a) "Os arreios do cabriolé estavam em petição de miséria"

b) "O velho não dava sola, não tinha nada para o conserto da carruagem."

c) "O diabo era aquele orgulho do velho, aquela soberba."

d) " ...mulher que perto de D. Amélia fazia vergonha."

e) "As safras do Santa Fé não davam cem pães."

TEXTO: 12 - Comum à questão: 45

LEGITIMAÇÃO DE VALORES

Diz-se que uma pessoa possui um valor e legitima as normas dele decorrentes quando, sem controle externo, pauta sua conduta por elas, segue-as independentemente de ser observada, ou seja, está intimamente convicta de que essa regra representa um bem moral. Por exemplo, alguém que não rouba por medo de ser preso não legitima a norma " não roubar" , apenas a segue por medo do castigo. Na certeza da impunidade, não a seguirá.

Mas o que leva alguém a pautar suas condutas segundo certas regras? Como alguns valores tornam-se traduções de um ideal de Bem, gerando deveres?

Na verdade, falta consenso entre os especialistas a respeito do modo pelo qual um indivíduo chega a legitimar determinadas regras e conduzir-se coerentemente com elas. Para uns, trata-se da força do costume: o hábito de se comportar de determinada maneira leva os indivíduos a considerar certa essa conduta. Para outros, a equação deveria ser invertida: determinadas condutas são consideradas boas, portanto, devem ser praticadas. Para outros ainda, processos inconscientes, portanto, ignorados pelo próprio sujeito, e, em geral, constituídos durante a infância, seriam os determinantes da conduta moral. E há outras teorias mais.

O que se deve considerar para além da diversidade de teorias ou interpretações é que na legitimação de valores estão estreitamente articuladas uma perspectiva social e uma perspectiva individual, singular. De um lado, verifica-se que a formação moral se dá processualmente, no contexto de socialização dos indivíduos. De outro, constata-se que, inter-relacionadas, encontram-se presentes duas dimensões fundamentais do desenvolvimento individual: a afetividade e a racionalidade.

(MEC/SEF. *Parâmetros curriculares nacionais.* Temas transversais. Brasília, 1998).

45 - (FURG RS)

Com o objetivo de tornar mais claro o conceito de " **Legitimação de valores**" , são utilizados, no primeiro parágrafo do texto, os seguintes mecanismos:

I) apresentação de uma mesma idéia sob diferentes formas de expressão;

II) concretização por meio de exemplo;

III) emprego de recurso lingüístico introdutor de explicação, esclarecimento.

Qual(is) afirmativa(s) está(ão) correta(s)?

a) Apenas II.

b) Apenas I e II.

c) Apenas I e III.

d) Apenas II e III.

e) I, II e III.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 46

O carnaval brasileiro

Se carnaval, em acepção popular, é confusão, trapalhada, desordem, como está lá no *Dicionário do Aurélio*, estejam certos de que a coisa não se restringe a três ou quatro dias anuais aqui no Brasil. É dose para 365 dias. Ou 366, nos bissextos...

E o procedimento é antigo. Secular. Desde o descobrimento. Que a turma discute se foi casual ou intencional...

Imaginemos a cena. Cabral aproxima-se do Porto Seguro, vê dois antepassados do Juruna na praia e pergunta prum deles:

– Isso aí é Índia?

O índio olha pro companheiro com ar gozador e responde:

– Ele leva jeito, mas jura que é macho...

Cabral percebe que o cara não entendeu e insiste:

– Como estás a chamaire essa terra?

– Pindorama.

– Pindó o quê?

– Pindorama. Por enquanto.

E agora quem interroga é o índio:

– E você? Como se chama?

– Pedro Álvares Cabral.

E o índio pro seu colega:

– Pronto! Fomos descobertos! Danou tudo!

Era verdade. E tome confusão, trapalhada, desordem. Pelo que está lá no *Aurélio*, tome carnaval...

Vem o Martim. Vêm os primeiros escravos. Surgem as capitanias hereditárias. Vem o Tomé pra ver pra crer. Os jesuítas. Os franceses também vêm. Os holandeses...

Surgem as entradas. As bandeiras tropeçam na Linha de Tordesilhas e passam adiante. Descobrem ouro e pedras preciosas. Os governantes mandam tudo pra Portugal e este pra Inglaterra.

Tráfego pra lá e tráfico pra cá. Navio negreiro. Vozes d'África. Quilombo dos Palmares. Guerra dos Emboabas. Guerra dos Mascates. Os franceses de novo. Il n'est pas un pays sérieux. Os jesuítas são expulsos. Inconfidência Mineira. O diabo.

Aí Napoleão dá um aperto nos portugueses, fazendo com que a família real com toda a corte saia às carreiras de Lisboa para passar uma boa temporada no Brasil.

E naquela pressa toda, D. Maria I – *que estava louca mas não era boba* – foi logo exclamando:

– Gente, não corre não, que eles vão pensar que estamos fugindo!

E estavam...

Mas já tinham as casas de praia garantidas: em muitas residências elegantes do Rio de Janeiro havia o PR. Que nada tem a ver com o Partido Republicano. Mas eram apenas as iniciais de Príncipe Regente. O que havia "requisitado" as casas...

Uma vez em terra firme, D. João, o dito cujo, abriu os portos para as nações amigas, permitiu a criação de alguns jornais e alguns cursos superiores – *coisas "terríveis e perigosas"* – e foi plantar as palmeiras do Jardim Botânico, isso porque não gostava de ficar em casa, onde havia uma tal de D. Carlota Joaquina, aliás muito feia e muito chata.

Quando teve notícias de que Napoleão havia perdido a guerra, D. João mandou um corvo e uma pomba para uma sondagem da situação, tendo um e outra voltado de mãos abanando. Esperou

mais cem dias, Napoleão finalmente teve seu Waterloo e nova pomba é enviada pras bandas de Portugal, tendo agora ela retornado com um par de tamancos, demonstrando que, se Elba não dera conta, agora Santa Helena não tinha falhado.

Mas antes de ir-se embora, D. João VI, agora rei do Brasil, Portugal e Algarve, chamou um play boy que tinha em casa e disse:

– Pedrinho, se estiveres a perigo, pega a coroa antes que outro o faça!

Pedrinho, porém, gostava mesmo era de broto. Nem se importava que se chamasse Domitila...

E, enquanto as Cortes de Lisboa ordenavam: "Vem pra cá, Pedrinho!", ele ia pra Santos...

E numa dessas idas, comeu uma feijoada meio arretada, de modo que a viagem de volta teve várias interrupções. Numa delas, quando se encontrava atrás de uma moita, às margens plácidas do Ipiranga, gritou pro pessoal:

– Tem papel?

E eles:

– Tem sim. O mensageiro trouxe uma carta do Boni e da Leopoldina, que você diz que é um trem. O negócio não "tá" bom, não! Sai dessa...

Pedrinho saiu e propôs a primeira questão de dupla escolha:

– Independência ou Morte!

A turma ficou apavorada, não sabia o que fazer, e Pedrinho virou Pedro I.

Mas o rapaz não gostava do primeiro; preferia o quarto.

E a Domitila:

– Pára, Pedro; Pedro, pára...

Daí, apesar do antigo "fico", lá foi ele ser Pedro IV em Portugal, deixando como herdeiro (sem cacófato) o filho de cinco anos.

Você vai dizer:

– Filho de Pedro é Pedrinho...

Não é bem assim. O outro Pedro era quietinho. Tinha cara de coroinha. Levava jeito para governar. Tanto que, aos 15 anos, já era declarado "maior" e coroado Imperador!

Começando a carreira cedo, D. Pedro II imperou muito, sendo o campeão de governo pessoal no Brasil.

Era inspirado o imperador, tanto que, um século antes de Sarney e mais de um século antes de um Presidente intelectual, lá na Europa já liam poemas de um chefe de estado brasileiro. E para cá começaram a vir colonos italianos, poloneses, alemães, sem essa de espírito de dominação. Sem pasta do FMI. Sem ditar quem vai ser Presidente do Banco Central.

Briga boa foi contra os paraguaios, embora a gente ande sabendo que a coisa não foi bem assim...

Mas como tudo que é longo cansa, nos últimos anos seu prestígio já não era o mesmo. Sobretudo depois da abolição da escravatura. Tanto que a turma do PR – *agora, sim, Partido Republicano* – já queria acabar com a monarquia. Ainda que houvesse algum respeito:

– Gente, esperem o homem morrer!

Como, entretanto, o xará dele lá de cima demorasse a chamá-lo, Deodoro perdeu a paciência e nem colocou a farda, a espada, o quepe...

Arrancou o chapéu mesmo e proclamou a República!

A velha bem mais velha...

Aí, conversa vai, conversa vem, leite pra lá, café pra cá, as oligarquias rurais dando sinal de senectude, os tenentes azucrinando, o inconformismo se generalizando e pluft: estoura a bolsa de New York. Pronto!

Revolução de 30. Adeus, República velha! Getúlio, Paulistas, Bernardes. Prestes e Plínio Salgado. Tempero difícil. Estado Novo. Nazismo. Fascismo. Os brasileiros vão à guerra lutar ao lado... dos países democráticos. Vitória contra o totalitarismo. Getúlio cai.

Começa outra República, que depois vão chamar também de velha...

Dutra põe o povo pra comer broa. Getúlio volta. JK constrói Brasília. Jânio proíbe briga de galos. João Goulart sonha com as reformas de base. Os militares tomam o poder. Brizola atravessa a fronteira vestido de mulher...

Castelo Branco não sabe onde colocar a gravata. Costa e Silva enriquece o anedotário nacional, Médici incrementa a tortura e Geisel elege o João, que ameaça prender e arrebentar...

E aí surgem as “diretas já”, que contam com o apoio do povo nas ruas e do Zequinha no Congresso, razão por que Sarney corre ao Palácio e pede desculpas ao João, o inesquecível.

Mas o mundo dá muitas voltas – *todas de 360 graus* – e Sarney acaba candidato a vice na chapa do Tancredo, sem que o povo proteste. Afinal o Jô estava sempre perguntando:

– Pra que serve o vice?

Não sabia ele... Serve para usurpar a Presidência e fazer o João sair pelas portas do fundo. Serve para substituir o Collor, que não caçou marajás, mas foi cassado. Nada contra. Mas nada contra a maré o povo que não enxerga o óbvio... É o FIM. Ou FMI...

E tome raposa para cuidar do galinheiro. Vampiro para cuidar do banco de sangue. Dionysos para tomar conta da adega... Deus nos acuda! Senão 2000 não chegará...

E tome confusão, trapalhada, desordem. Pelo que está lá no *Aurélio*, tome carnaval...

* * *

(Texto em que a História do Brasil em seus 500 anos é carnavalizada*, retirado de *Humanas em Destaque*, nº 4, jornal oficial do IV Congresso e IV Mostra de Ciências Humanas, Letras e Artes, realizado em Viçosa, entre 2 e 6 de agosto de 1999.)

**carnavalizar* é transpor para o texto o inesperado, o inusitado, o irreverente, a inversão dos códigos vigentes, tencionando-se provocar o escracho, o riso.

46 - (EFOA MG)

A relação Cabral "versus" índio (linhas 7 a 21) está plena de desentendidos, donde a sua força humorística. A ambigüidade que poderia, na escrita, ser eliminada pela oposição *inicial maiúscula* "versus" *inicial minúscula* é:

a) "Isso aí é Índia?" (linha 9)

b) "Ele leva jeito, mas jura que é macho..." (linha 11)

c) "Como estás a chamaire essa terra?" (linha 13)

d) "E você? Como se chama?" (linha 18)

e) "Pronto! Fomos descobertos! Danou tudo!" (linha 21)

TEXTO: 14 - Comum à questão: 47

Bichano, sai do meu PC

O gato sobe na mesa e resolve desfilar sobre o computador enquanto o dono está na cozinha fazendo um lanche depois de algumas horas de trabalho. O bicho anda sem muita paciência e esbarra nas teclas. Apaga o trabalho e volta para o seu lugar. Por cerca de 40 reais, o problema é resolvido. O programa **Pawsense** funciona como alarme antigatos. À primeira patada, o programa trava todas as teclas e emite sinais sonoros para mostrar ao bichano que lugar de gato é longe do computador. Aos defensores dos bichanos, a página www.clubedogato. org.br tem informações interessantes, como a relação das exposições nacionais e internacionais para a escolha do gato mais bonito. O site também faz um campeonato mensal para a indicação do gato do mês, como algumas empresas fazem com seus funcionários. Há ainda dicas de como cuidar melhor do animal, sua alimentação e seus hábitos dentro de casa.

(Veja, 9 de fevereiro de 2000)

47 - (FEPAR PR)

Em relação aos enunciados abaixo, marque a resposta CORRETA.

1) O título visa reproduzir a fala do dono do animal que dá uma ordem ao bichano, a partir do vocábulo sai usado no modo imperativo na segunda pessoa do singular tu.

2) O texto, informativo e propagandístico, utiliza-se de linguagem narrativa até a expressão e volta para o seu lugar.

3) O texto tem um direcionamento bem definido: somente àqueles que possuem um gato como animal de estimação.

4) Os vocábulos gato, bichano, animal e bicho são usados como sinônimos, mas essa estratégia não funciona porque, em vez de fornecer ao texto seqüência lógica, gera muita confusão. A repetição de um só vocábulo, com somente um referencial, daria mais clareza ao texto.

a) Somente a 4 está correta.

b) Somente 1 e 2 estão corretas.

c) Somente 1 e 2 estão erradas.

d) Somente 1 está correta.

e) Somente a 3 está errada.

TEXTO: 15 - Comum à questão: 48

(...) e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa.

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra.

Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, – os cinco contos achados em Botafogo, – como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

48 - (FUVEST SP)

Em relação a “Custou-lhe muito a aceitar a casa”, as formas verbais farejara e doía expressam, respectivamente,

a) posterioridade e simultaneidade.

b) simultaneidade e anterioridade.

c) posterioridade e anterioridade.

d) anterioridade e simultaneidade.

e) simultaneidade e posterioridade.

TEXTO: 16 - Comum à questão: 49

Um dos traços marcantes do atual período histórico é (...) o papel verdadeiramente despótico da informação. (...) As novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle.

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde.

(Milton Santos, *Por uma outra globalização*)

49 - (FUVEST SP)

No contexto em que ocorrem, estão em relação de oposição os segmentos transcritos em:

a) novas condições técnicas / técnicas da informação.

b) punhado de atores / objetivos particulares.

c) ampliação do conhecimento / informação manipulada.

d) apropriadas por alguns Estados / criação de desigualdades.

e) atual período histórico / periferia do sistema capitalista.

TEXTO: 17 - Comum à questão: 50

Sempre existem novas formas de chegar a um mesmo resultado. Muitas vezes, melhor. A comunicação eficaz consistem sempre numa forma original de dizer mais ou menos as mesmas coisas.

Porque no fundo, vamos ser honestos, o que tem de ser dito varia pouco.

Qual é a pasta de dentes que não deixa os dentes mais brancos?

A margarina que não é mais gostosa?

O seguro que não protege sua família?

O perfume que não provoca romances?

Giuseppe Glacosa, que escreveu o libreto da ópera La Bohême para Puccini, afirmou certa vez que em toda a literatura produzida pela humanidade desde os gregos só existiam 148 situações dramáticas possíveis. Em "marketing" é igual. As situações que um produto enfrenta num mercado não são infinitas. Elas se repetem.

O que varia é a forma como se abordam essas situações.

As pessoas em geral não estão interessadas nos produtos em si. Estão interessadas no benefício que podem tirar desses produtos.

Um Rolex torna a pessoa distinta.

Um carro esporte torna o dono mais jovem.

Um creme de beleza engana a morte.

Quais as chances de você ser percebido? Tem de usar talento. Mais um tipo específico de talento: o talento de comunicar.

Júlio Ribeiro In Revista Exame, 14/09/94), pp. 110-111 (adaptação)

50 - (GAMA FILHO RJ)

Segundo o texto, o que torna uma comunicação eficaz é a(o):

a) repetição das mesmas situações.

b) variedade dos produtos apresentados.

c) influência dos canais de comunicação.

d) alternância nos meios de comunicação.

e) ineditismo na forma de se comunicar.

TEXTO: 18 - Comum à questão: 51

Neste momento, o bordado está pousado em cima do console e o interrompi para escrever, substituindo a tessitura dos pontos pela das palavras, o que me parece um exercício bem mais difícil.

Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho. Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências. As palavras, porém são mais difíceis de adestrar e vêm carregadas de uma vida que se foi desenrolando dentro e fora de mim, todos esses anos. São teimosas, ambíguas e ferem. Minha luta com elas é uma luta extenuante. Assim, nesse momento, enceto duas lutas: com as linhas e com as palavras, mas tenho a certeza que, desta vez, estou querendo chegar a um resultado semelhante e descobrir ao fim do bordado e ao fim desse texto, algo de delicado, recôndito e imperceptível sobre o meu próprio destino e sobre o destino dos seres que me rodeiam. Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convinha muito pouco, de cuja existência tinha esquecido. Mulheres de meia-idade que compravam lãs para bordar tapeçarias, selecionando animadamente e com grande competência os novelos, comparando as cores com os riscos trazidos, contando os pontos na etamine, medindo o tamanho do bastidor. Incorporei-me a elas e comecei a escolher, com grande acuidade, as tonalidades das minhas meadas de linha mercerizada. Pareciam pequenas abelhas alegres (...), levando a sério as suas tarefas. (...) Naquelas mulheres havia alguma coisa preservada, sua capacidade de bordar dava-lhes uma dignidade e um aval. Não queria que me discriminassem, conversei com elas de igual para igual, mostrando-lhes os pontos que minha pequena mão infantil executara.

(JARDIM, Rachel. O penhoar chinês. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.)

51 - (INTEGRADO RJ)

A expressão “... abelhas alegres” (11° período) justifica, especificamente, a significação expressa, no 9° período, com:

a) “Mulheres de meia-idade...”

b) “... para bordar tapeçarias...

c) “... selecionando animadamente e com grande competência os novelos...

d) “... comparando as cores com os riscos trazidos...

e) “... medindo o tamanho do bastidor”.

TEXTO: 19 - Comum à questão: 52

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,

Monstro de escuridão e rutilância.

Sofro, desde a epigênesis da infância,

A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,

Este ambiente me causar repugnância…

Sobe-se à boca uma ânsia análoga à ânsia

Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –

Que o sangue podre das carnificinas

Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreita meus olhos para roê-los,

E há de deixar-me apenas os cabelos

Na frialdade inorgânica da terra!

52 - (ITA SP)

Todos os elementos abaixo são caracterizadores da poesia do autor e estão presentes no poema, exceto:

a) Linguagem exótica

b) Resignação enternecida

c) Crueza do tema

d) Agudo pessimismo

e) Temática da decomposição

TEXTO: 20 - Comum à questão: 53

Em casa trava-se um luta tácita e subterrânea entre nós e a nossa empregada doméstica. Sem nos aventurarmos em demasiadas recomendações que poderiam comprometer o bom clima familiar, a cada incursão na cozinha, silenciosa mas ostensivamente, arrumamos o invólucro dos frios, protegemos o toquinho de salame, fechamos o saco plástico ao redor do pão., guardamos o guisado desesperadamente abandonado numa panela e alumínio escondida no forno, verificamos as datas dos iogurtes, descobrimos insuspeitados tesouros de legumes murchos e esquecidos e decretamos uma sopa para o menu da noite etc. O meu medíocre racionalismo se confronta inicialmente com a idéia que a pobreza deveria naturalmente uma gestão cuidadosa dos alimentos, e estranho portanto uma tamanha indiferença pelo desperdício.

Um dia, descendo a rua da Praia, em Porto Alegre, deparo com uma mendiga, uma criança nos braços. Dou-lhe um dinheiro e vejo que a criança está tomando uma mamadeira de Coca-Cola. Resisto ao impulso de aconselhar leite e entrar numa absurda conversa sobre o supérfluo e o necessário, resisto tanto mais que constato, observando, que, ao lado do miserável grupinho familiar, há um embrulho de comestíveis e, ao lado do embrulho, no chão, um pequeno amontoado de restos visivelmente destinados ao lixo – um quarto de sanduíche, um biscoito mordido... – que faria a felicidade de qualquer mendigo parisiense.

Lembro uma visita com meu filho Maximiliano ao mercado de São Joaquim, em Salvador. No fim da tarde assistimos ao fechamento: sobre no chão, machucado mas ainda apetitoso, um exército de frutas, sobretudo abacaxis e laranjas, suficiente para satisfazer as necessidades vitamínicas de todas as crianças e os adultos carentes da cidade. Sei que a observação é mal-vinda onde a carência é sobretudo de proteínas. Mas ficamos, Max e eu, perplexos frente à estranha contradição entre a necessidade e o desperdício.

(Calligaris, Contardo. *Hello Brasil!* Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil. São Paulo: escuta. 1986)

53 - (ITA SP)

Assinale a melhor opção, considerando as seguintes afirmações:

I) O texto trata do desperdício de alimentos nos mercados brasileiros.

II) O texto trata da contradição entre a necessidade dos pobres e o desperdício dos ricos.

III) O texto trata do desperdício de alimentos comum na cultura brasileira.

Está(ão) correta(s):

a) Apenas a II.

b) Apenas a III.

c) I e II.

d) I e III.

e) II e III.

TEXTO: 21 - Comum à questão: 54

Em visita ao Rio para participar do 6º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, como representante do governo português, o maior escritor da atualidade, Nobel da Literatura de 1998, é um homem cansado. Mas de um cansaço peculiar: "cansaço metafísico", diria um heterônimo de Fernando Pessoa, uma de suas afinidades eletivas. Entrevistá-lo é se equilibrar com dificuldade no dorso de um tigre. Respostas encrespadas, consultas intermináveis ao relógio, muxoxos impacientes.

Visível e justificável é esse enfado. Ser "que já traduziu o divino para o homem das ruas", como dele já se falou, Saramago se impacienta com jornalistas que tomam por profano quem é um monstro sagrado, título que, em sua modéstia, prontamente recusaria. O fato é que a visibilidade cintilante do Nobel o tornou presa fácil das canetas afoitas dos especialistas em generalidades. Como aquele que, em Frankfurt, lhe disparou a segunda pergunta da rodada interminável de indagações, no anúncio de sua escolha para o Prêmio: "O que o sr. vai fazer com o dinheiro?" O escritor português está saturado do jornalismo de mercado, da rapinagem midiática e da degradação intelectual da imprensa.

(Cláudio Cordovil. "Já é hora de inventar outro mito", diz Saramago, *O Estado de São Paulo*, Caderno Cultura, 15/8/1999)

54 - (ITA SP)

No texto há a seguinte afirmação:

“Saramago se impacienta com jornalistas que tomam por profano quem é um monstro sagrado, título que, em sua modéstia, prontamente recusaria.”.

A ideia de üm monstro sagrado”, atribuída a Saramago, é reforçada:

I) Quando se diz que ele é um homem cansado, de um cansaço metafísico.

II) Quando se diz que ele é um “ser que já traduziu o divino para o homem das ruas”.

III) Quando se diz que ele é o maior escritor da atualidade.

Está(ão) correta(s):

a) I e II

b) Apenas II

c) II e III

d) Apenas III

e) Nenhuma.

TEXTO: 22 - Comum à questão: 55

Certos mitos são repetidos tantas e tantas vezes que muitos acabam se convencendo de que eles são de fato verdadeiros. Um desses casos é o que envolve a palavra “saudade”, que seria uma exclusividade mundial da língua portuguesa. Trata-se de uma grande e pretensiosa balela.

Todas as línguas do mundo exprimem com maior ou menor grau de complexidade todos os sentimentos humanos. E seria uma grande pretensão acreditar que o sentimento que batizamos de “saudade” seja exclusivo dos povos lusófonos.

Embora línguas que nos são mais familiares como o inglês e o francês tenham de recorrer a mais de uma expressão (seus equivalentes de “nostalgia” e “falta”) para exprimir o que chamamos de saudade em todas as circunstâncias, existem outros idiomas que o fazem de forma até mais sintética que o português.

Em uma de suas colunas semanais nesta *Folha*, o professor Josué Machado lembrou pelo menos dez equivalentes da palavra “saudade”. Os russos têm “tosca”; alemães, “Sehnsucht”; árabes, “shauck” e também “hanim”; armênios, “garod”; sérvios e croatas, “jal”; letões, “ilgas”; japoneses, “natsukashi”; macedônios, “nedôstatok”; e húngaros, “sóvárgás”.

Pode-se ainda acrescentar a essa lista o “desiderium” latino, o “póthos” dos antigos gregos e sabe-se lá quantas mais expressões equivalentes nas cerca de 6 mil línguas atualmente faladas no planeta ou nas 10 mil que já existiram.

Ora, se até os cães demonstram sentir saudades de seus donos quando ficam separados por um motivo qualquer, seria de um etnocentrismo digno de fazer inveja à Alemanha nazista acreditar que esse sentimento é próprio apenas aos que falam português.

Desde que o homem é homem, ou talvez mesmo antes, ele sente saudade; desde que aprendeu a falar aprendeu também, de uma forma ou de outra, a dizê-lo.

(Saudade. *Folha de S. Paulo*, 6/4/1996, adaptado.)

55 - (ITA SP)

No texto, a tese é que:

a) todos os povos têm os mesmos sentimentos e têm palavras para designá-los.

b) os cães, assim como os seres humanos, sentem saudade.

c) trata-se de um mito a crença de que apenas os povos lusófonos têm uma palavra para designar o sentimento “saudade”.

d) há línguas que são mais sintéticas que outras para exprimir os sentimentos.

e) há línguas que são mais sintéticas que o português para expressar o sentimento que os povos lusófonos designam “saudade”.

TEXTO: 23 - Comum às questões: 57, 56, 58, 59, 60, 61

POESIA AINDA VIAJA PELAS

ÁGUAS DO MUNDO

Acordei pensando em rios - que dão sempre um toque feminino a qualquer cidade - e me dizendo que o único possível defeito do Rio de Janeiro é não ter um rio. Pior ainda, é de ter sufocado o seu rio, exatamente o rio chamado Carioca, do vale das Laranjas.

Esse rio, hoje secreto, que corre como um malfeitor debaixo de ruas, ninguém, nenhum poeta o cantou melhor e mais ternamente do que Alceu Amoroso Lima.

Nascido à beira do Carioca quando o Carioca ainda se fazia ver e ouvir na maior parte do seu breve curso, Alceu parece ter guardado a vida inteira o rumor do rio no ouvido. Ele nasceu ali, na Chácara da Casa Azul.

Quando o Rio completou 400 anos, em 1965, Alceu escreveu para "Aparência do Rio de Janeiro", de Gastão Cruis, então reeditado pela José Olympio, um artigo que é um verdadeiro poema em prosa, chamado "O Nosso Carioca".

Começa assim: "Muito antes de existir o Rio de Janeiro, hoje quatrocentão, existia o rio Carioca. Aquele ficou sendo rio por engano. O Carioca, esse já o era, havia séculos. Talvez por isso a contradança das coisas humanas fez do que não era rio um Rio para sempre, e do que de fato, ao nascer o outro, uma reles geleira de águas pluviais, quando o falso rio completa o seu quarto centenário. "Das Cariocas", era também seu nome".

"Carioca, que nos dizem significar casa de branco, e outros, com mais probabilidade, casa de pedra, foi o nome dado em virtude do depósito de pipas de água fresca (...) para a aguada das caravelas e dos bergantis. "Das Caboclas" por outros motivos, menos aquáticos que afrodíticos. O rio acompanhava, descoberto, o vale das Laranjeiras, desde a encosta do Corcovado até o Flamengo".

No meio de sua deliciosa evocação, em que diz que cada casa do vale, como a sua, tinha sua ponte sobre o rio, e que cada ponte parecia estar sempre sendo atravessada por meninas em flor, Alceu, numa breve e certeira observação do grande crítico literário que era, põe o humilde Carioca a fluir entre os grandes rios clássicos e eternos.

Pesoalmente, só vi o Carioca à luz do sol uma vez, por ocasião das terríveis chuvaradas do ano de 1967.

A tromba d'água que descia do Corcovado foi tão persistente e se infiltrou pelo solo tão caudalosa que começou de repente a fraturar o próprio leito da rua das Laranjeiras, que afinal se rachou em duas partes. Acho que foi esta a única vez que o rejeitado Carioca teve fúria de grande rio.

Eu não conheço o assunto mas arriscaria o palpite de que nenhum país do mundo contém mais água doce do que o Brasil. Temos rios descomunais. Só que em geral vadios, desocupados.

Ao contrário do que fizeram a Europa, os Estados Unidos, a antiga União Soviética, que comunicaram e intercomunicaram seus rios, montando um tapete rolante de gente e de riquezas, aqui deixamos os rios na vagabundagem.

Em termos de literatura, quem quiser sentir o que a operosidade dos europeus tem feito para pôr os rios a trabalhar para os homens, basta ler Simenon. Os canais, diques e eclusas estão tão presentes em seus livros quanto os desesperados e os criminosos. São romances em que a humanidade sofre e envereda pelos caminhos errados, mas as barcaças e navios não se enganam nunca.

Os rios têm leito, rumo, juízo. Os homens que continuem cometendo seus desvarios que eles, ainda que subindo e descendo de nível quando necessário, deslizam no maior sossego pelas águas ensinadas.

Enquanto isso nós, no Brasil, olhamos com tédio as correias de transmissão de poderosos rios a rolarem vazias entre estradas esburacadas e arquejantes de caminhões.

Só no Brasil o transporte mais caro, o de caminhões, é muito maior que o de vias férreas e fluviais. Com exceção do rio Tietê, que é praticamente do tamanho do Reno e que pelo jeito acaba ficando tão navegável e próspero quanto o Reno. Obcecado com o interior de São Paulo, o Tietê corre de costas para o mar, para percorrer todo o Estado e acabar no Paraná, na Bacia do Rio da Prata.

O Paraná e o Tietê já estão quase prontos para entrar num romance de Simenon, com seus canais artificiais e suas eclusas, e os navios abarrotados de calcário, de soja, de milho, álcool de cana.

De qualquer forma ainda estamos, no Brasil, longe dos meus sonhos, que são de um país ativíssimo mas silencioso. Desde que li, já faz muito tempo, uma monografia sobre hidrovias e a interligação de nossas bacias hidrográficas, fiquei escravo da miragem.

A idéia da monografia, escrita por gente do ramo, do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, era nada mais nada menos que a ligação pelas águas de Belém do Pará a Buenos Aires. Um mapa todo aquoso mostra uma grande hidrovia artificial na altura de Cáceres, em Mato Grosso, no rio Paraguai e mais uma barragens e eclusas nas bacias do Prata e do Amazonas.

Pronto! Estava completa a ligação de Belém com Buenos Aires, à bagatela de uns nove mil quilômetros de imponderável mais indestrutivel estrada. Se o Brasil, do tempo em que eu li a monografia para cá, tivesse gasto pelo menos dinheiro em aquarteladas, Transamazônicas e Angras, teríamos atado para sempre esse nó de águas amazônicas e platinas.

Para um romance nesse cenário, Simenon não dava mais. Seria preciso convocar a Rosa.

Antônio Caliado - In Folha de São Paulo. 09/04/1994.

56 - (UNIRIO RJ)

O título POESIA AINDA VIAJA PELAS ÁGUAS DO MUNDO remete à características do texto de:

a) utilizar-se de linguagem monográfica.

b) transformar o rio em personagem de romance.

c) escrever um artigo como crítica literária.

d) analisar questão econômica com linguagem poética.

e) apontar a linguagem referêncial como própria dos artigos de jornal.

57 - (UNIRIO RJ)

A oposição dos parágrafos 10 e 11 está na afirmação de que:

a) o Brasil possui todas as maiores bacias hidrográficas mundiais.

b) na Europa e nos Estados Unidos, mas não no Brasil e na União Soviética, há uma enorme malha hidroviária.

c) há na Europa, como no Brasil, bacias fluviais completamente inaproveitadas.

d) so o Brasil, ao contrário do que ocorre no mundo inteiro, não aproveita bem seus rios.

e) na maioria dos casos, os rios brasileiros, inversamente ao que acontece com os europeus e norte-americanos, não são aproveitados.

58 - (UNIRIO RJ)

Um rio é "vadio e desocupado", segundo o articulista, quando:

a) não é piscoso.

b) não é via de transporte de homens e riquezas.

c) é encachoeirado.

d) é visto apenas como fonte de água doce e de alimento.

e) é mais afrodítico que aquático.

59 - (UNIRIO RJ)

O parágrafo 14 traduz:

a) a pouca importância que o Brasil dá à tecnologia industrial.

b) o menosprezo do Brasil em relação ao aproveitamento das vias hidrográficas.

c) o tráfego intenso de caminhões com excesso de carga.

d) o mau estado das estradas do interior, traçadas ao longo dos rios.

e) o descaso com que o articulista vê a nossa malha rodoviária.

60 - (UNIRIO RJ)

O parágrafo que conclui que os brasileiros ainda se distanciam do sonho do articulista, DE UM PAÍS ATIVÍSSIMO MAS SILENCIOSO (§ 17) é:

a) 19

b) 16

c) 13

d) 12

e) 10

61 - (UNIRIO RJ)

A opção que melhor explica a evocação do ROSA, no último parágrafo, é:

a) sendo francês, Simenon não saberia usar ESSE NÓ DE ÁGUAS AMAZÔNICAS E PLATINAS como cenário de seus romances.

b) para cantar hidrovias internacionais é preciso um grande diplomata, e Rosa o foi.

c) Noel Rosa, autor de **Feitiço da Vila**, fez do Rio personagem de seu canto.

d) o fôlego de Guimarães Rosa daria conta desses outros QUILÔMETROS DE IMPONDERÁVEL MAS INDESTRUTIVEL ESTRADA.

e) o criador de **Grande Sertão**: Veredas é importante para a Literatura Brasileira contemporânea.

TEXTO: 24 - Comum à questão: 62

Texto – I

Valorizar o professor do ciclo básico

Como não sou perito em futurologia, devo limitar-me a fazer um exercício de observação. Presto atenção ao que se passa na escola hoje e suponho que, daqui a 25 anos, as tendências atuais persistirão com maior ou menor intensidade. Provavelmente, o analfabetismo dos adultos terá sido erradicado e o acesso à instrução primária terá sido generalizado.

Tudo indica que a demanda continuará a crescer em relação ao ensino secundário e superior. Se os poderes públicos não investirem sistematicamente na expansão desses dois níveis, a escola média e a universidade serão, em grande parte, privatizadas.

A educação a distância será promovida tanto pelo Estado como pelas instituições particulares. Essa alteração no uso de espaços escolares tradicionais levará a resultados contraditórios. De um lado, aumentará o número de informações e instrumentos didáticos de alta precisão. De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado face a face entre o professor e o aluno.

É preciso pensar, desde já, nesse desafio que significa aliar eficiência técnica e profundidade ou densidade cultural.

O risco das avaliações sumárias, por meio de testes, crescerá, pois os processos informáticos visam a poupar tempo e reduzir os campos de ambigüidade e incerteza. Com isso, ficaria ainda mais raro o saber que duvida e interroga, esperando com paciência, até vislumbrar uma razão que não se esgote no simplismo do certo versus errado. Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos nas suas áreas e massas cada vez mais incapazes de entender o mundo que as rodeia. De todo modo, o futuro depende, em larga escala, do que pensamos e fazemos no presente.

Uma coisa me parece certa: o professor do ciclo básico deve ser valorizado em termos de preparação e salário, caso contrário, os mais belos planos ruirão como castelos de cartas.

(BOSI, Alfredo. Caderno Sinapse. *Folha de S. Paulo*, 29/07/2003.)

Texto – II

Diretrizes de salvação para a Universidade Pública

"... poder-se-ia alegar que não é muito bom o ensino das matérias que se costuma lecionar nas universidades. Todavia, não fossem essas instituições, tais matérias geralmente não teriam sido sequer ensinadas, e tanto o indivíduo como a sociedade sofreriam muito com a falta delas..." Adam Smith

(...) A grande característica distintiva de uma Universidade pública reside na sua qualidade geradora de bens públicos. Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular.

Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais.

O corpo de bombeiros de uma cidade, por exemplo, é um bem público local, o serviço da guarda costeira de um país é um bem público nacional, ao passo que a proteção de áreas ambientais importantes do planeta, como a Amazônia, deve ser vista como bem público universal, assim como qualquer outra atividade protetora de patrimônios da humanidade ou de segurança global, como é o caso da proteção contra vírus de computador, para citar um exemplo mais atual, embora ainda não plenamente reconhecido.

Incluem-se no elenco dos bens públicos as atividades relacionadas à produção e transmissão da cultura, ao pensamento filosófico e às investigações científicas não alinhadas com qualquer interesse econômico mais imediato.

A Universidade surgiu na civilização porque havia uma necessidade latente desses bens e legitimou-se pelo reconhecimento de sua importância para a humanidade.

Portanto, ela nasceu e legitimou-se como instituição social pública e não como negócio privado, como muitos agora a querem transformar, inclusive a OMC, contradizendo o próprio Adam Smith, o patriarca da economia de mercado, como bem o indica a passagem acima epigrafada, retirada de "A Riqueza das Nações".

As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, mas o conhecimento que as originou é uma conquista da humanidade e, portanto, um bem público universal, como é o caso, por exemplo, das atividades do Instituto Politécnico de Zurique, de onde saiu Albert Einstein, e do laboratório Cavendish da Universidade de Cambridge, onde se realizaram os experimentos que levaram a descobertas fundamentais da física, sem as quais não teriam sido possíveis as maravilhas tecnológicas do mundo moderno, da lâmpada elétrica à internet. (...)

(SILVA, José M. A. *Jornal da Ciência*, 22/07/2003. Extraído de: http://www.jornaldaciencia.org.br, 15/07/2003.)

62 - (ITA SP)

Em relação ao Texto , assinale a opção que contém a idéia que NÃO pode ser pressuposta.

a) Hoje, no Brasil, existem analfabetos.

b) Nem todos os brasileiros têm instrução primária.

c) Existe uma procura crescente pelo ensino secundário.

d) O poder público não investe no ensino médio e superior.

e) Atualmente, o saber questionador é incomum nos espaços escolares.

TEXTO: 25 - Comum à questão: 63

Neste momento, o bordado está pousado em cima do console e o interrompi para escrever, substituindo a tessitura dos pontos pela das palavras, o que me parece um exercício bem mais difícil. Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho. Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências. As palavras, porém, são mais difíceis de adestrar e vêm carregadas de uma vida que se foi desenrolando dentro e fora de mim, todos esses anos. São teimosas, ambíguas e ferem. Minha luta com elas é uma luta extenuante. Assim, nesse momento, enceto duas lutas: com as linhas e com as palavras, mas tenho a certeza que, desta vez, estou querendo chegar a um resultado semelhante e descobrir ao fim do bordado e ao fim desse texto, algo de delicado, recôndito e imperceptível sobre o meu próprio destino e sobre o destino dos seres que me rodeiam. Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convivia muito pouco, de cuja existência tinha esquecido. Mulheres de meia-idade que compravam lãs para bordar tapeçarias, selecionando animadamente e com grande competência ps novelos, comparando as cores com os riscos trazidos, contando os pontos na etamine, medindo o tamanho do bastidor. Incorporei-me a elas e comecei a escolher, com grande acuidade, as tonalidades das minhas meadas de linha mercerizada. Pareciam pequenas abelhas alegres (...), levando a sério as suas tarefas. (...) Naquelas mulheres havia alguma coisa preservada, sua capacidade de bordar dava-lhes uma dignidade e um

aval. Não queria que me discriminassem, conversei com elas de igual para igual, mostrando-lhes os pontos que minha pequena mão infantil executara.

JARDIM, Rachel. *O penhoar chinês*. 4 ed.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

63 - (UNIRIO RJ)

Nesse texto que você acaba de ler, estabelece-se uma relação entre bordar e escrever, ações que se desenvolvem no esforço da tessitura.

Assinale a opção em que o comparativo "bem mais difícil", aplicado ao tecido do texto, justifica-se com maior propriedade.

a) As palavras são como os pontos do bordado: exigem adestramento de quem vai usá-las.

b) Palavras e pontos sujeitam-se docilmente ao toque do artista.

c) Palavras têm vida própria e exigem sensibilidade para se deixarem usar.

d) Palavras são prenhes de significado e, portanto, podem independer de quem as emprega.

e) Palavras são, por vezes, ambíguas, o que não ocorre com os pontos do bordado.

TEXTO: 26 - Comum à questão: 64

"APELO"

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, pra dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite e eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, com a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero na salada – o meu jeito de querer bem. Acaso é saudade. Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor."

DALTON TREVISAN, "Apelo", em "O Conto Brasileiro Contemporâneo"

(seleção de textos, introdução e notas bibliográficas por Alfredo Bosi) 2ª ed., São Paulo, Cultrix, 1977, p.190.

64 - (UNIRIO RJ)

Assinale a opção que contém a frase que justifica o título do texto.

a) "Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou." (L.6)

b) "Toda a casa era um corredor deserto (...)" (L. 8-9)

c) "Acaso é saudade, Senhora?" (L. 15-16)

d) "Que fim levou o saca-rolhas?" (L. 18)

e) "Venha para casa, Senhora, por favor." (L. 20)

TEXTO: 27 - Comum à questão: 65

Luta de Classes

Não é que dona Maria de Lurdes (Malu) não entenda, é que lhe explicam mal as coisas. Por exemplo. Uma noite ela perguntou para o

marido que história era aquela de luta de classes e o marido, já meio dormindo, respondeu:

_ São os empregados contra nós.

No dia seguinte, dona Malu já olhou para a Ernestina, 20 anos com a família, de outro jeito.

_ Que foi, dona Malu?

_ Nada, nada.

No almoço, dona Malu pediu mais detalhes ao marido.

_ O que é que os empregados querem?

_ O quê, Malu?

_ Os empregados. O que é que eles querem de nós?

O marido respirou fundo e ia começar a responder quando Ernestina entrou na sala do almoço e dona Malu o deteve com um gesto. Não na

frente do inimigo.

Ernestina voltou para a cozinha. O marido de dona Malu se serviu de guisadinho, mas não chegou a levar a primeira garfada à boca.

_ Pare! – gritou dona Malu, que tivera um súbito e terrível pensamento: vidro moído na comida.

_Por quê, Malu?

_ Não toque nessa comida!

_ Como é que eu vou almoçar sem tocar na comida?

_ Vamos almoçar fora.

_ Que história é essa, Malu. Logo hoje que a Ernestina fez o meu prato preferido!

_ Justamente por isso. De noite eu faço guisadinho para você.

_ Eu prefiro o guisadinho da Ernestina.

Mas dona Malu já começara a limpar a sua mesa. Ernestina fez cara feia quando viu o seu guisado voltar, intocado, para a cozinha. Em 20

anos, era a primeira vez que acontecia aquilo.

_ Não gostaram, é?

_ Não tenho que lhe dar satisfações.

A senhora anda muito engraçada.

_ Veja como fala.

_ O que é que eu faço para o jantar?

_ Nada. Pode tirar o resto do dia.

Ernestina murmurou alguma coisa, emburrada.

_ Que foi? _ perguntou dona Malu.

_ Se a senhora não está satisfeita comigo...

_ Eu? Você é que está contra nós!

_ Eu, dona Malu?

_ Não finja. Pelo menos tenha a hombridade de lutar de frente.

Nem Ernestina nem dona Malu sabiam o que queria dizer hombridade e ficou por isso mesmo. Ernestina também não sabia que luta era

aquela, mas se dona Malu queria briga, ia ter briga. Não seria a primeira vez.

_ A senhora está me despedindo?

Dona Malu pensou um pouco. Afinal, eram 20 anos. Mesmo que Ernestina tivesse, finalmente, revelado a sua duplicidade, 20 anos eram 20

anos. E seria melhor ter o inimigo dentro de casa, onde ele podia ser controlado.

_ Não está despedida. Mas de agora em diante, eu faço a comida. Você só limpa a casa e lava os pratos. Não faz nem o cafezinho.

_ Está bem.

Era a guerra. Ou uma trégua declarada. Passaram a conviver de cara fechada, dona Malu e Ernestina. Uma vez o marido de dona Malu foi

pego em flagrante na cozinha pedindo para Ernestina fazer um dos seus pudins de laranja escondido. Foi tachado de traidor de sua classe.

Dona Malu passou a cozinhar, sob olhar crítico e, às vezes, os risos abafados, de Ernestina. E na noite em que dona Malu viu na televisão

um filme de espionagem em que um agente infiltrado em território inimigo mandava mensagens de rádio para suas forças com um

transmissor secreto, correu a dar uma busca no quarto de Ernestina. Não encontrou nenhum transmissor mas, por via das dúvidas,

impugnou um radinho de pilha.

(Luís F. Veríssimo – Novas Comédias da Vida Privada - L&PM,1996)

65 - (UNIFOA MG)

O comportamento de dona Malu em relação à Ernestina pode ser comparado ao comportamento de uma mulher:

a) desconfiada

b) emburrada

c) insatisfeita

d) revoltada

e) traída

TEXTO: 28 - Comum à questão: 66

As novas tecnologias fizeram a humanidade entrar na era da comunicação universal; abolindo as distâncias, concorrem muitíssimo para moldar a sociedade do futuro, que não corresponderá, por isso mesmo, a nenhum modelo do passado. As informações mais rigorosas e mais atualizadas podem ser postas ao dispor de quem quer que seja, em qualquer parte do mundo, muitas vezes, em tempo real, e atingem as regiões mais recônditas. Em breve, a interatividade permitirá não só emitir e receber informações, mas também dialogar, discutir e transmitir informações e conhecimentos, sem limite de distância ou de tempo. Não podemos esquecer, contudo, que numerosas populações carentes vivem ainda afastadas desta evolução, principalmente em zonas desprovidas de eletricidade. Recordemos, também, que mais da metade da população mundial não tem acesso aos diversos serviços oferecidos pela rede telefônica.

Esta livre circulação de imagens e de palavras, que prefigure o mundo de amanhã, até no que possa ter de perturbador, transformou tanto as relações internacionais, como a compreensão do mundo pelas pessoas; é um dos grandes aceleradores da mundialização.

Jacques Delors

66 - (UNIFOR CE)

O texto explora como idéia central:

a) a diversidade de serviços oferecidos pela rede telefônica.

b) as decorrências positivas do avanço tecnológico.

c) o possível aspecto original da sociedade do futuro.

d) o difícil acesso dos sistemas de informação para alguns países.

e) os prejuízos ligados a zonas desprovidas de eletricidade.

TEXTO: 29 - Comum à questão: 67

O fim da Segunda Guerra Mundial na Europa despertou esperanças tão grandes quanto a catástrofe que acabara de terminar. Uma vez derrotado o mal, pensava-se, nasceria um mundo melhor, um mundo no qual todas as pessoas teriam os mesmos direitos e gozariam as mesmas liberdades, no qual a paz e a prosperidade seriam o destino de todos. Mas a desilusão não tardou: não apenas a devastação causada pela guerra condenara a maior parte da Europa à pobreza, mas também as estruturas políticas que ficaram após a guerra não tiveram resultados muito felizes. Um dos países vitoriosos, a União Soviética, impôs a grande parte do continente um regime repressivo que não ficava muito longe da ditadura nazista.

Quanto aos países ocidentais, conseguiram salvaguardar a ordem democrática, mas o egoísmo, a cobiça e até a crueldade continuaram a macular o cotidiano de cada um deles. O enorme sofrimento gerado pela guerra parecia não ter servido a praticamente nenhum fim, e o mundo parecia estar seguindo adiante mais ou menos como fazia antes da guerra.

Beneficiando-nos de meio século de distância daquele período difícil, podemos afirmar que ocorreu, sim, uma mudança na vida pública. Foi dado, sim, um passo (ou vários) em direção a mais justiça, e essa conclusão positiva resiste a muitas das restrições e dos qualificativos que lhe terão que ser impostos. O avanço em questão se aplica em primeiro lugar ao continente europeu, mas pode servir de incentivo em outras partes do mundo. Como seria de esperar, a mudança se expressou mais em palavras do que em atos, mais em declarações oficiais do que em manipulações secretas, mas também as palavras possuem um poder transformador. As exceções são numerosas e às vezes chocantes, mas a maneira como são vistas hoje vem comprovar uma regra que se enquadra na idéia de justiça.

(Tzvetan Todorov)

67 - (UNIFOR CE)

É correto inferir do 3° parágrafo do texto que:

a) é impossível afirmar-se que uma guerra possa dar origem a atos de justiça nos países nela envolvidos.

b) a idéia de justiça na vida pública não se concretiza a partir de atos, mas apenas de boas intenções ou de acordos.

c) o tempo é fator importante na avaliação de fatos históricos e de suas conseqüências.

d) um período de guerra traz prejuízos não só econômicos mas também sociais às nações que entram no confronto.

e) constituem exceções, hoje em dia, os países onde não há uma justiça social efetiva.

TEXTO: 30 - Comum à questão: 68

Um viés do bem

Toda vez que trato das desigualdades duráveis do Brasil, recebo manifestações de uma minoria que se manifesta contra a idéia de que existe racismo no Brasil e que ele seja a fonte principal das enormes distâncias sociais que separam os brasileiros na base e no topo da ordem social e de sua persistência.

Tenho falado muito das duas faces da realidade social brasileira: a luminosa, marcada por mudanças positivas e avanços inegáveis em nossa realidade econômica, social e política, e a dolorosa, definida pela persistência da pobreza, da desigualdade, da corrupção e de outras mazelas. Elas estão claramente correlacionadas, da seguinte maneira: há limites para o progresso adicional significativo na redução da pobreza e da desigualdade, se não houver um claro redirecionamento das ações públicas e privadas. Mais ainda, se não houver um claro viés racial, a favor dos negros, o combate à pobreza pode não contribuir para uma redução significativa das desigualdades.

A desigualdade é alta e durável no Brasil porque ela tem cor. A cor determina uma diferenciação entre brasileiros que se justapõem à estratificação social, seja por classes, seja por ocupações. Nas

classes mais altas quase não há negros. No proletariado de menor qualificação, os negros predominam. Os de maior qualificação são majoritariamente brancos. Se, para simplificar, dividirmos os grupos ocupacionais no Brasil em três, no mais baixo, estão 19% dos brancos e 30% dos negros. No intermediário se concentram 49% dos brancos e 59% dos negros. No mais alto, encontram-se 32% dos brancos e 11% dos negros. Claro, existem muitos brancos muito pobres, mas são a parcela minoritária. A maioria dos mais pobres é de negros e, principalmente, negras, vítimas de dupla discriminação, pela cor e pelo gênero.

O que a maioria não reconhece é a existência desse componente puramente racial da desigualdade. Dentro de cada grupo social ou ocupacional, os brancos têm, na média, situação bem melhor que os negros. Nelson do Vale Silva deu os números em um estudo recente. Um trabalhador manual rural branco tem um salário médio que é o dobro daquele pago a um trabalhador manual rural negro. Ambos são trabalhadores – manuais – rurais, mas um é branco e o outro negro. Essa única diferença está associada a uma distância salarial de 100%.

Sem ação específica para eliminar o racismo não se conseguirá mais do que melhorar a distribuição de renda entre os brancos, que não é tão escandalosamente desigual como é entre brancos e negros. As barreiras são raciais, não são econômicas. Para superá-las não basta aumentar o emprego e elevar os salários de base de todos. É preciso fazê-lo com viés para eliminar as diferenças por cor, deixando apenas aquelas ligadas à qualificação e às aptidões pessoais. Há formas menos conflituosas e mais inteligentes de ação afirmativa que as cotas.

Nenhuma política econômica pode romper o sutil bloqueio do “perfil adequado” ao acesso dos negros aos melhores cargos e funções oferecidos no mercado. Só um viés a favor fará com que um negro ou uma negra, com igual ou melhor qualificação que seus concorrentes brancos a um cargo de gerência, não ouça mais a resposta “você se saiu muito bem, mas não tem exatamente o perfil de que nossa empresa está precisando”.

Fernando Henrique Cardoso fez um gesto inédito da história da Presidência brasileira: assumiu o reconhecimento coletivo da existência do racismo no documento que o Brasil apresenta à Conferência Mundial contra o Racismo. Foi o primeiro passo de uma longa caminhada. Ele ainda pode dar o próximo, antes de terminar seu governo, adotando iniciativas pioneiras de ação afirmativa.

(Sérgio Abranches – Revista Veja – 05/09/2001)

68 - (UNIFOA MG)

Assinale a alternativa que resume a idéia central do texto:

a) A maioria dos negros não possui a mesma qualificação que os brancos e por isso não tem acesso aos melhores cargos e funções oferecidos no mercado.

b) Os trabalhadores brancos em geral recebem um salário maior que os negros para exercer a mesma função.

c) Os números de um estudo recente comprovam que é necessário eliminar o racismo e melhorar a distribuição de renda no Brasil.

d) Não haverá progresso adicional significativo na redução da desigualdade social no Brasil se não houver ação específica para eliminar o racismo.

e) Para melhorar a distribuição de renda no Brasil, é preciso aumentar a oferta de empregos e dar oportunidades iguais para todos.

TEXTO: 31 - Comum à questão: 69

Dolores era um desses tipos que o Brasil importa a mãi e o pai pra bancar que também dá moça linda. Direitinho certas indústrias de São Paulo... Da terra e da nossa raça não tinha nada, porém se pode afirmar que tinha o demais porque não havia ninguém mais brasileiro que ela. Falassem mal do Brasil perto dela pra ver o que sucedia! Desbaratava logo com o amaldiçoado que vem comer o pão da gente, agora! Praquê não ficou lá na sua terra morrendo de fome! Vá saindo...! Ah! Perto de mim você não fala do Brasil não porque eu dou pra trás, sabe! Eu sei bem que a Itália é mais bonita, mais bonita o quê... Uma porcariada de casas velhas, isso sim, e gente ruim, só calabrês é que se vê!... Aqui tem cada amor de bangalôzinho... e a estação da Luz, então! Você nunca, aposto, que já entrou no Teatro Municipal! Si entrou, foi pro galinheiro, não viu o fuaier Itália... A nossa catedral... Aquilo é gótico, sabe! Não está acabada mas falaram pra mim que vai ter as torres mais compridas do mundo!

E Dolores ficava muito bonita na irritação, com cada olho enorme lá no fundo relumeando que nem esmeralda. Era uma belezinha.

(ANDRADE, Mário de. "menina de olho fundo", in Os Contos de Belezarte.)

69 - (UNIFICADO RJ)

Após uma leitura atenta do Texto II, inferem-se do personagem Dolores sentimentos ou atitudes de:

a) brio e entusiasmo.

b) imparcialidade e intolerância.

c) benevolência e intolerância.

d) vaidade e subserviência.

e) ufania e ressentimento.

TEXTO: 32 - Comum à questão: 70

O antigo conceito de preservação ambiental, baseado na intocabilidade dos recursos naturais, há algum tempo foi superado e substituído por outro que condiciona a preservação a um novo modelo de desenvolvimento da civilização, fundamentado no uso racional dos recursos naturais, para que estes possam continuar disponíveis às gerações que ainda virão. A este desenvolvimento, que não esgota, mas conserva e realimenta sua fonte de recursos naturais; que não inviabiliza a sociedade, mas promove a repartição justa dos benefícios alcançados; que não é movido apenas por interesses imediatistas, mas sim baseado no planejamento de sua trajetória e que, por estas razões, é capaz de manter-se no espaço e no tempo, é que damos o nome de desenvolvimento sustentável.

Washington Novaes

70 - (Mackenzie SP)

Assinale a afirmação INCORRETA, considerando o primeiro período.

a) Houve época em que preservar o meio ambiente era sinônimo de não mexer nas fontes de riquezas que existem em estado natural.

b) O modo como atualmente se entende o que é preservar o meio ambiente implica uma nova maneira de conceber o crescimento das sociedades humanas.

c) O conceito de preservação ambiental, qualquer que seja ele, faz supor inquietação com o futuro do ser humano.

d) O surgimento de um novo conceito de preservação ambiental deve-se ao maior desenvolvimento da capacidade de raciocínio do homem.

e) O planejamento da relação uso/conservação está na base do que se entende por uso racional dos recursos naturais.

TEXTO: 33 - Comum à questão: 71

A propósito da exposição de Malfatti

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que vêem normalmente as coisas e em conseqüência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida (...). A outra espécie é formada pelos que vêem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas **cá** (ref.3) e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro.

(...) Se víssemos na Sra. Malfatti apenas uma -moça que pinta-, como há centenas por aí, sem denunciar centelha de talento, calar-nos-íamos, ou talvez lhe déssemos meia dúzia desses adjetivos -bombons-, que a crítica açucarada tem sempre à mão em se tratando de moças.

71 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa INCORRETA.

a) O verbo haver (linha 1) empregado impessoalmente reforça o caráter universal das afirmações.

b) Na linha 3, estrábica, adjunto adnominal de sugestão, enfatiza a avaliação pejorativa.

c) Na linha 3, escolas rebeldes ilustra a visão de decadência da arte.

d) Com crítica açucarada (linha 6) o autor caracteriza seu próprio texto.

e) O normal é apresentado como desejável; o anormal, repudiável.

TEXTO: 34 - Comum à questão: 72

JOGO DURO 1 .

Todo mundo sabe que ele (Wanderley Luxemburgo) tem ligação com empresários. A partir daí, pressupõe-se que pode haver interesses na convocação da seleção brasileira..

Eurico Miranda, vice-presidente de futebol do Vasco

JOGO DURO 2.

Sou contra a violência, mas temos de impor respeito. Para isso, nada melhor do que cara feia, desodorante vencido e bafo de bode..

Joel Santana, técnico do Botafogo-RJ, dizendo que os jogadores de sua equipe não tomarão banho, não usarão desodorante, não farão a barba nem escovarão os dentes para assustar os adversários Folha de S. Paulo

72 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa INCORRETA sobre JOGO DURO 1.

a) Todo mundo sabe aumenta a credibilidade do argumento.

b) O aposto entre parênteses explicita o referente de ele.

c) Trata-se de acusação reforçada por significados implícitos.

d) A expressão Jogo duro refere-se exclusivamente ao futebol.

e) Interesses relaciona-se a suposta submissão do técnico.

TEXTO: 35 - Comum à questão: 73

Na semana passada, ouvi uma senhora suspirar: – “Tudo anda tão confuso!”. E, de fato, o homem moderno é um pobre ser dilacerado de perplexidades. Nunca se duvidou tanto. Outro dia,

um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita. Respondi-lhe: – "Às vezes".

Já escrevi umas cinqüenta vezes que a grã-fina é a falsa bonita. Seu penteado, seus cílios, seus vestidos, seu decote, sua maquiagem, suas jóias – tudo isso não passa de uma minuciosa montagem. E se olharmos bem, veremos que sua beleza é uma fraude admirável. Todos se iludem, menos a própria. No terreno baldio, e sem testemunhas, ela há de reconhecer que apenas realiza uma imitação de beleza.

Portanto, a pergunta do diplomata português tem seu cabimento. E minha resposta também foi justa. Às vezes, a mulher bonita não é bonita, como a grã-fina. Mesmo as que são bem-dotadas fisicamente têm suas dúvidas.

Crônica de Nelson Rodrigues

73 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa correta sobre o texto I.

a) No primeiro parágrafo, o cronista, a partir de uma situação vivida, tece comentário geral sobre a instabilidade dos valores do seu tempo.

b) No primeiro par·grafo, o cronista, após ouvir a afirmação sobre a perplexidade do homem moderno, não soube responder ao diplomata se a grã-fina era realmente bonita.

c) De acordo com o cronista, a dúvida sobre os valores do homem moderno advém do espírito filosófico e não da observação direta dos fatos.

d) A resposta dada ao diplomata português (Às vezes) contradiz a observação feita pela senhora (Tudo anda tão confuso!).

e) No último parágrafo, o cronista conclui que a dúvida sobre a beleza feminina se deve apenas à minuciosa montagem da grã-fina.

TEXTO: 36 - Comum à questão: 74

LIBRA (23 set. a 22 out.)

Para alguns, o mundo é um lugar em que imperam a desordem e a fratura. Para outros, como você, há uma ordem, uma estética subjacente a tudo que ocorre. Deixe os outros pensarem o que quiserem. Não se perca por isso. Se o seu desejo é resgatar essa harmonia, isso faz parte de sua natureza.

Folha de São Paulo

ESCORPIÃO (23 out. a 21 nov.)

Ser implacável consigo torna a vida mais límpida, mas muito mais difícil. Mesmo assim, se há sinceridade, você pode seguir, olhando as formas borradas do que deixou para trás. Em meio a alguns escombros, reluzem boas lembranças. Apegue-se a elas, para se manter inteiro(a) e firme.

Folha de São Paulo

74 - (Mackenzie SP)

Sobre os textos, é correto afirmar:

a) Expressões como estética subjacente e alguns escombros comprovam o caráter científico da linguagem do horóscopo.

b) Horóscopos são escritos para leitores supostamente questionadores e incrédulos.

c) O eu que faz as previsões se apresenta como detentor de um saber maior.

d) A crença do leitor no destino astral é considerada dispensável para que ele reoriente sua vida.

e) Iniciam-se por meio de um aconselhamento explícito ao leitor.

TEXTO: 37 - Comum à questão: 75

Delírio futebolístico no Parque Antártica.

Camisas verdes e **calções negros** corriam, pulavam, chocavam-se, embaralhavam-se, caíam, contorcionavam-se, esfalfavam-se, brigavam. Por causa da bola de couro amarelo que não parava, que não parava um minuto, um segundo. Não parava.

- Neco! Neco!

Parecia um louco. Driblou. Escorregou. Driblou. Correu. Parou. Chutou.

- Gooool! Gooool!

Alcântara Machado

75 - (Mackenzie SP)

Sobre o texto é INCORRETO afirmar:

a) a frase nominal do primeiro parágrafo constitui uma síntese de todo o texto.

b) as metonímias em negrito representam os times em disputa.

c) a excitação da cena é enfatizada pelo emprego da seqüência de orações assindéticas.

d) a repetição de não parava enfatiza o entusiasmo proposto na frase de abertura do texto.

e) o emprego do pronome reflexivo recíproco se atenua a idéia de empurra-empurra.

TEXTO: 38 - Comum à questão: 76

A violência habitual como forma de comportamento ou meio de vida ocorre no Brasil através de diversos tipos sociais, de que o mais conhecido é o cangaceiro da região nordestina, devido a circunstâncias muitas vezes já comentadas. Mas o valentão armado, atuando isoladamente ou em bando, é fenômeno geral em todas as áreas onde a pressão da lei não se faz sentir, e onde a ordem privada desempenha funções que em princípio caberiam ao poder público.

Como essas áreas são geralmente menos atingidas pela influência imediata da civilização urbana, é natural que o regionalismo literário, que as descreve, tenha abordado desde cedo o jagunço e o bandido. Com efeito, o nosso regionalismo nasceu ligado à descrição da tropelia, da violência grupal e individual, “normais” de certo modo nas sociedades rústicas do passado.

Antonio Candido

76 - (Mackenzie SP)

De acordo com o primeiro parágrafo do texto,

a) o uso da força bruta caracteriza o brasileiro, em especial o habitante da região nordestina.

b) a forma como o brasileiro age ou o que faz para ganhar a vida é conhecidamente representada pelo cangaceiro.

c) a impunidade e a omissão do Estado são fatores relevantes para a manifestação do banditismo.

d) ações marginais decorrem da coerção da lei e de repasses que o governo faz, para o setor privado, de certas atividades pelas quais era responsável.

e) embora a atuação de valentões seja fenômeno geral no Brasil, em princípio tanto a lei como o poder público têm-se feito sentir, auxiliados inclusive pela ordem privada.

TEXTO: 39 - Comum à questão: 77

Do sonho de um grupo de intelectuais, entre eles Paulo Emilio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Antonio Candido, então jovens estudantes da USP, nasceu a Cinemateca Brasileira.

Embora seus criadores tenham sofrido perseguições políticas em várias oportunidades, e o acervo cinematográfico tenha sido vítima de incêndios, a Cinemateca Brasileira, pela continuidade de sua atuação, é um dos arquivos de filmes mais antigos de todo o mundo.

Membro efetivo da Fédération Internacionale des Archives du Film desde 1949, a Cinemateca Brasileira tem seu trabalho reconhecido nacional e internacionalmente. Além de possuir a maior coleção de filmes da América Latina, é um centro de informações e de difusão da cultura cinematográfica, que restaura e preserva a produção do cinema nacional em seu conjunto, com especial ênfase na conservação dos registros de imagens em movimento produzidos contemporaneamente, além de documentar, pesquisar e difundir o cinema em todas as suas manifestações.

Folheto de divulgação da Cinemateca Brasileira, produzido pela Assessoria de Comunicação Social do Ministério da Cultura

77 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa correta.

a) No primeiro parágrafo, entende-se que os citados intelectuais da época criaram a Cinemateca Brasileira contando com o apoio de seus jovens alunos universitários.

b) No segundo parágrafo, estão em relação de causa e efeito, respectivamente, os segmentos: a continuidade de sua atuação e é um dos arquivos de filmes mais antigos do mundo.

c) No terceiro parágrafo, a referência à Fédération Internacionale des Archives du Film foi feita como exemplificação dos fatos citados nas orações concessivas do parágrafo anterior.

d) Compreende-se pelo texto que a ação da Cinemateca Brasileira resume-se na preservação de seu acervo, constituído pela maior coleção de filmes da América Latina.

e) No terceiro parágrafo, a especial ênfase dada à produção contemporânea é o argumento mais abrangente para provar o cuidado da Cinemateca com o cinema em todas as suas manifestações.

TEXTO: 40 - Comum à questão: 78

Adquirir a capacidade de usar bem a língua requer – como toda atividade artística – uma rigorosa disciplina: só se pode manejar o meio, fazê-lo obedecer à nossa intenção expressiva, quando por nossa vez obedecemos sem discutir à sua estrutura própria, que nos precede e nos ultrapassa. No caso da escrita, é preciso seguir escrupulosamente a ossatura do idioma, mesmo quando se quer trincá-lo de leve: conhecer e respeitar a pontuação, a regência, a concordância, as normas de colocação das palavras na frase, as regras de coordenação e subordinação das orações ... A arte de escrever consiste em servir a língua para dela poder servir-se; a vassalagem é aqui condição do domínio do meio e portanto da possibilidade de exercitar a liberdade criativa.

Renato Mezan

78 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa correta.

a) Do segundo período em diante, o texto desenvolve, por especificação, o tópico frasal apresentado no primeiro período.

b) O texto é descritivo e seu desenvolvimento é indutivo: inicia com uma particularização e conclui com uma generalização.

c) A argumentação desenvolve-se por comparação, confirmando a relação entre a escrita e as artes plásticas.

d) O texto estrutura-se como uma narração de fatos que se sucedem em progressão temporal, numa relação de causa e efeito.

e) É um texto dissertativo cujos argumentos finais se opõem à afirmação inicial, relativizando, assim, a tese defendida.

TEXTO: 41 - Comum à questão: 79

Órfão de pai e mãe, sem nenhuma afeição ou simples referência fora do Engenho do meu avô, enfiado aí nesse horizonte confiável, logo os parentes me abrandaram a falta de meu pai. Ocorre que anos mais tarde, quando me fui pondo emancipado pelos meus desejos, passei a dar conta de que aquela gente fazia de tudo para que eu o desalojasse da memória. Se indagava inocentemente sobre a sua vida, recebia de volta rodeios e subterfúgios, ou então cara feia e rispidez. Muitas vezes cheguei a me exasperar com a má vontade e o desplante dos comentários sobre as minhas indagações, com os modos oblíquos e ásperos que não se coadunavam com o carinho a que estava acostumado. Meu próprio avô, um homem de dimensões, nunca me concedeu uma palavra sobre o genro desastrado.

Francisco J. C. Dantas

79 - (Mackenzie SP)

No texto, o narrador relembra:

a) com mágoa sua chegada à casa do avô, para onde fora levado na condição de órfão de pai e mãe.

b) a falta de afeto que sempre predominou na sua relação de menino-órfão com parentes ríspidos ou dissimulados.

c) a morte trágica do pai, analisando as conseqüências de uma infância vivida em casa de parentes distantes.

d) a maneira como os parentes agiam, disfarçadamente ou não, para que o menino-órfão se esquecesse da figura paterna.

e) a imagem de pai desatento que foi sendo vagarosamente criada nele pelos parentes que o acolheram na infância órfã.

TEXTO: 42 - Comum à questão: 80

Se, pela pronúncia, você está desconfiado de que a nossa palavra **xará** surgiu de alguma expressão indígena, acertou. "Ela tem origem em **sa rara**, um derivado de **se rera**, que significa aquele que tem o mesmo nome, em tupi", diz o etimologista Cláudio Moreno. No sul do Brasil, usa-se também a palavra **tocaio** com o mesmo significado. Vem do espanhol **tocayo** que, por sua vez, tem origem na frase ritual latina que a noiva dizia ao noivo quando a comitiva nupcial vinha buscá-la em casa**: "Ubi'tu Caius, ibi ego Caia"** (Onde fores chamado Caio, ali eu serei Caia). Por transmitir a idéia de que a noiva, ao se casar, passava a ter o mesmo nome do noivo, a palavra passou a ser usada como sinônimo de **xará**.

Adaptado de Rodrigo Cavalcante

80 - (Mackenzie SP)

Depreende-se do texto que:

a) palavras ou expressões de origem diferenciada devem apresentar significados diferentes.

b) o vocabulário do português do Brasil contém palavras de diversas origens, entre as quais, a espanhola e a tupi.

c) palavras de uma língua incorporadas ao vocabulário de outra mantêm a forma original inalterada.

d) o vocabulário do português do Brasil foi formado entre os tupi, que incorporaram alguns termos espanhóis e latinos.

e) no sul do Brasil, o termo *xará* é desconhecido, porque naquela região existe o equivalente *tocaio*.

TEXTO: 43 - Comum à questão: 81

Um espetáculo ecológico. Tem folha seca, drible da vaca e aquele bicho que é gritado pela torcida quando alguém perde um gol cara a cara. BRASILEIRÃO 2002. Vai começar mais um espetáculo do futebol brasileiro.

Informe-se sobre a disponibilidade deste evento junto à sua operadora.

Anúncio publicitário da Sportv

81 - (Mackenzie SP)

É correto afirmar que o anúncio:

a) tem como meta informar eventuais torcedores sobre o início do Campeonato Brasileiro de Futebol e sobre sua transmissão pela Sportv.

b) tem como meta enaltecer o alto nível do Campeonato, caracterizado no texto como espetáculo lúdico, criativo e ecológico.

c) estrutura-se com base em linguagem denotativa, comum e informal, por ser dirigido ao público em geral.

d) privilegia um público de classe social baixa, que compartilha certo conhecimento da linguagem empregada no texto.

e) explora gírias e metáforas a fim de atingir unicamente o jovem adolescente interessado em futebol.

TEXTO: 44 - Comum à questão: 82

Estudo do centro de cibernética da Universidade de Warwick, na Inglaterra, revela que os videogames e controles remotos estimulam mudanças na coordenação motora dos jovens. Os dedos polegares da chamada geração Atari, de até 25 anos, estariam mais ágeis que os indicadores. Foram observados jovens de nove cidades de vários continentes. Os cientistas explicam que a interação entre o homem e a tecnologia provoca mudanças tanto nos equipamentos tecnológicos quanto no corpo humano.

Revista Veja

82 - (Mackenzie SP)

É correto afirmar que:

a) a geração Atari executa com o polegar movimentos antes realizados com o indicador.

b) os dedos polegares são os mais ágeis, entre indivíduos de até 25 anos.

c) a interação com equipamentos tecnológicos gera distúrbios de coordenação motora no homem.

d) a agilidade dos dedos indicadores é menor do que a dos polegares entre indivíduos de até 25 anos.

e) o homem desgasta seus equipamentos tecnológicos na mesma proporção em que estes alteram a anatomia humana.

TEXTO: 45 - Comum à questão: 83

Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.

Obs.: enxárcia – conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo (‘corda’), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela

83 - (Mackenzie SP)

O assunto e a linguagem permitem que se considere corretamente o fragmento acima como:

a) exemplo de textos que, na época colonial, informavam o rei de Portugal sobre a atividade catequética.

b) manifestação ufanista do português em relação à riqueza que, explorada pela Coroa, gerou a Inconfidência Mineira.

c) descrição da paisagem americana sob a perspectiva do autóctone, ponto de vista reconhecível nas comparações efetuadas.

d) informação acerca da paisagem do Brasil-colônia, observada de modo acentuadamente pragmático.

e) expressão do sentimento nativista brasileiro, dando sinais da não-aceitação dos interesses da metrópole.

TEXTO: 46 - Comum à questão: 84

Os livros viraram o objeto de decoração da moda nas casas dos endinheirados. Se eles não têm familiaridade com a leitura, arquitetos e decoradores vão ao campo.

Esses profissionais aconselham a compra de coleções completas de obras de literatura, filosofia e história para decorar as salas. Livros de auto-ajuda, só no quarto.

Parte das peças deve ser garimpada em sebos, para transmitir a idéia de conhecimento sólido, erudição. Entre as posições básicas para demonstrar inteligência já na mesinha de centro, está o "ambiente moderno", cuja composição exige livros alegres e coloridos, de artistas como Miro, Picasso, Mondrian. Acredita-se que eles dão vivacidade ao espaço. Paloma Cotes

84 - (Mackenzie SP)

Assinale a afirmação correta.

a) A palavra *garimpada* (linha 7) sugere que apenas alguns livros de sebo podem ser associados à imagem de conhecimento sólido.

b) *salas* e *quarto* (linhas 5 e 6) são palavras que, no texto, denotam despreocupação com as aparências.

c) *peças* (linha 7) é um termo que, no texto, marca oposição ao uso de livros como objetos de decoração.

d) Os qualificadores *alegres* e *coloridos* (linhas 10 e 11) denotam a preocupação dos decoradores com a arte clássica.

e) Empregou-se *coleções completas* (linha 4) para enfatizar a necessidade de aprofundamento dos clientes nas áreas mencionadas.

TEXTO: 47 - Comum à questão: 85

As margens da alegria, de Guimarães Rosa.

"Esta é a história. Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. A Mãe e o Pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A Tio e o Tio tomavam conta dele, justinhamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. O avião era da Companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O vôo ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no acorçôo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se – certo como o ato de respirar – o de fugir para o espaço em branco. O Menino."

85 - (PUC RJ)

A palavra *menino* aparece três vezes no parágrafo, primeiramente acompanhada de um artigo indefinido e com letra minúscula; depois, acompanhada de um artigo definido e ainda em letra minúscula; por fim, também acompanhada de artigo definido, mas em letra maiúscula, desta vez em frase nominal "O Menino".

Dessas observações só NÃO se deve deduzir, tendo em vista a totalidade do conto:

a) A ausência de informações coloca o menino nos campo da identificação.

b) Algumas informações sobre o menino passam a defini-lo como personagem.

c) Sensações mais específicas do menino vão garantindo-lhe o papel de protagonista.

d) Detalhes fundamentais sobre a atuação do menino o colocam no mesmo nível dos adultos.

e) A frase nominal funciona como uma chave de ouro sobre toda a grandeza de que se revestia o menino.

TEXTO: 48 - Comum à questão: 86

Os shampoos *Herbal Essences*, preparados com água pura de fonte de montanha, contêm ervas orgânicas naturais e um exclusivo complexo botânico. Essa associação original deixará seus cabelos limpos, perfumados e brilhantes.

Herbal Essences Clarifying Shampoo combina alecrim, jasmim e flor de laranjeira com outros derivados de plantas, para limpar o fio capilar de uma forma suave, porém profunda, removendo a oleosidade excessiva e resíduos de produtos (*mousse*, *gel*, *spray* para cabelo), que se depositam na superfície do cabelo. Livre de impurezas, o cabelo adquirirá um brilho excepcional.

- Não contém substâncias de origem animal. Produto não testado em animais.
- Utiliza ingredientes de alta qualidade, derivados de plantas não sujeitas à extinção.
- Fórmula biodegradável.
- As ervas são cultivadas em condições orgânicas comprovadas, sem pesticidas e petroquímicos.

Modo de Usar: Aplicar sobre os cabelos molhados, massagear até que espume, enxaguar bem. Se necessário, repetir a operação. Para melhores resultados, usar *Herbal Essences Clean Rinsing Conditioner*, que desembaraça e dá brilho sem deixar os cabelos pesados ou com resíduos.

86 - (PUC MG)

No texto, só **NÃO** há indicações de que a empresa:

a) demonstra respeitar a natureza.

b) acredita ser importante explicar o modo de ação do produto.

c) pretende descrever o produto, o modo de usá-lo e, também, promover outro produto da linha.

d) acredita que há produtos perigosos à saúde devido ao modo como são produzidos ou cultivados seus ingredientes.

e) imagina que só os produtos naturais têm qualidade.

TEXTO: 49 - Comum às questões: 87, 88

A rua, a fila, o acaso

Eu ia dando a minha voltinha num silêncio interior de paz. Está difícil flanar nas ruas de hoje. Muito barulho, carros voando ou atravancando a calçada, anda sobrecarregado o ar que respiramos. Mas há sempre o que ver, se levamos olhos desprevenidos, de simpatia. Me lembrei do tempo em que o pai-de-família saía depois do jantar pra fazer o quilo. A expressão tem a ver com o mistério da nossa usina interior.

Com o perdão da palavra, tem a ver com as nossas tripas. Hoje é o cooper que traz um afã de competição. Cronometrado e exibido, tira o fôlego e impede a conversinha mole. É mais uma fábrica de ansiedade nesta época que fabrica estresse. Pois eu ia andando pra clarear as idéias, ou pra pensar em nada. Nessa hora de entrega e de inocência é que acontece a iluminação. A luzinha do entendimento acende onde quer.

Sem nenhum objetivo, ia eu bem satisfeitinho na minha disponibilidade. Aberto a qualquer convite, podia comprar um bombom, ou uma flor. Ou uma dessas canetinhas que acertam comigo e, bem ordinária, me traz um estremecimento de colegial. A gente sabe que o endereço da felicidade é no passado e é mentira. Mas é bom que exista, a felicidade. Nem que seja um momentinho só. Tão rico que dá pra ir vivendo. E se renova com qualquer surpresa boba. Encontrar por exemplo na banca uma revista fútil e dar com a foto daquela moça bonita. Olhar seus olhos e entendê-los, olhos adentro.

A vida é um mundo de possibilidades. Atração e repulsa, afinidades. Convergência e divergência. Nessa altura, as minhas pernas tinham me levado pro mundo da Lua. Quando dei comigo de volta, estava espiando uma fila que coleava pela calçada. Curioso: etimologicamente, aposentado é quem se recolhe aos aposentos. De repente, os aposentados saíram da toca e estão na rua, pacientes em fila ou irados aos magotes.

Mas aquela fila não podia ser de aposentados. Tinha uma moça de short e pernas fortes de atleta. E muitos jovens. E vários "boys". Um pequeno interesse, receber um dinheirinho, ou uma pequena obrigação, pagar um conta, junto na fila aquele pessoal todo. Misterioso caminho, esse, que aproxima as pessoas por um instante e depois as separa. Há de ver que ali estavam lado a lado duas almas que se procuram e, distraídas, disso não se deram conta. O acaso, o destino, quanta coisa passa por uma cabeça vadia! Ou por um frívolo coração.

Otto Lara Resende

(Folha de S. Paulo, 23.01.92)

87 - (PUC RJ)

Em "Nessa altura, as minhas pernas tinham me levado pro mundo da Lua.", a metonímia 'minhas pernas' contribui para indicar que o cronista:

a) tinha consciência de seus passos.

b) perambulava disperso.

c) fazia cooper.

d) caminhava tensamente.

e) andava guiando por uma força superior.

88 - (PUC RJ)

"A gente sabe que o endereço da felicidade é no passado e é mentira. Mas é bom que exista, a felicidade. Nem que seja um momentinho só. Tão rico que dá pra ir vivendo. E se renova com qualquer surpresa boba. Encontrar por exemplo na banca uma revista fútil e dar com a foto daquela moça bonita. Olhar seus olhos e entendê-los, olhos adentro."

O trecho em destaque traz uma pontuação que o fragmenta. Tal fragmentação só NÃO pode sugerir, de acordo com o texto, que o cronista:

a) estava ligado em sua 'usina interior'.

b) estava andando para 'pensar em nada'.

c) "ia bem satisfeitinho" na sua disponibilidade.

d) perceba "atração e repulsa" no mundo.

e) caminhava no "mundo da Lua".

TEXTO: 50 - Comum à questão: 89

É verdade que podemos votar, é verdade que podemos, como cidadãos eleitores e normalmente por via partidária, escolher os nossos representantes no governo. Mas é igualmente verdade que a possibilidade de ação democrática começa e acaba aí.

O eleitor poderá tirar do poder um governo que não lhe agrade e pôr outro no seu lugar, mas o seu voto não teve, não tem, nem nunca terá qualquer efeito visível sobre a única real força que governa o mundo e, portanto, o seu país e a sua pessoa.

Refiro-me, obviamente, ao poder econômico, em particular à parte dele sempre em aumento, gerida pelas empresas multinacionais de acordo com estratégias de domínio que nada têm que ver com aquele bem comum a que, por definição, a democracia aspira.

Todos sabemos que é assim e, contudo, por uma espécie de automatismo verbal e mental que não nos deixa ver a nudez crua dos fatos, continuamos a falar de democracia como se se tratasse de algo vivo e atuante, quando dela pouco mais nos resta que um conjunto de forças ritualizadas, os inócuos passes e os gestos de uma espécie de missa laica.

(José Saramago – Trecho do discurso pronunciado no "Fórum de Porto Alegre", realizado em janeiro de 2002)

89 - (UNIFOR CE)

De acordo com o texto,

a) a democracia é a única forma de governo digna de povo civilizado.

b) a via partidária enobrece o indivíduo enquanto cidadão.

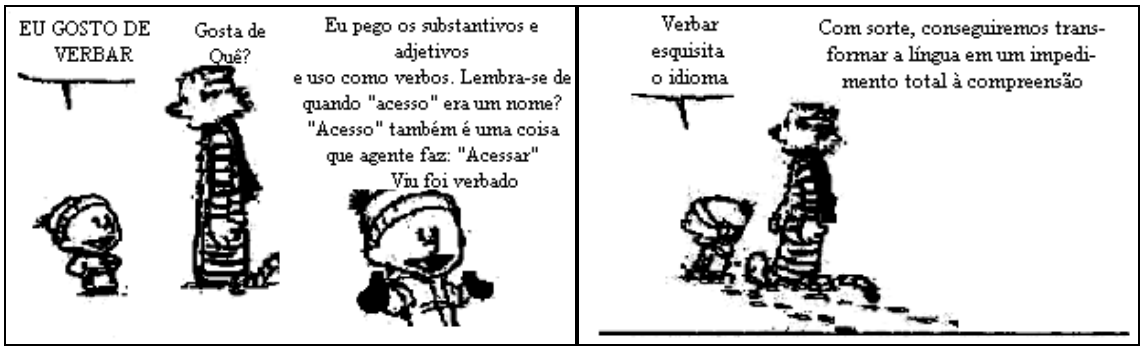
c) a concretização do regime democrático está ainda por ocorrer.

d) a escolha de governantes constitui-se como ação democrática.

e) compete ao eleitor decidir sobre o que melhor convém ao país.

TEXTO: 51 - Comum à questão: 90

O MELHOR DE CALVIN / Bill Walterson



90 - (Mackenzie SP)

Sobre o processo de *verbar palavras*, assinale a alternativa correta.

a) O menino, usando as palavras *quando* e *agora*, convence o tigre de que tal processo acaba de ser criado e fará a língua melhorar.

b) Para o menino, o processo amplia o vocabulário, pois cria verbos paralelos a formas nominais pré-existentes, opinião reforçada pelo uso de *também*.

c) Para o tigre, com o emprego do processo, a língua pode ser estropiada, mas se torna mais dinâmica.

d) Para o tigre, é uma sorte o processo ter sido descoberto, pois contribuirá para que a língua recupere sua função de código de comunicação.

e) O tigre e o menino possuem um plano de divulgação do processo que tornará a língua um empecilho para a intercompreensão.

TEXTO: 52 - Comum à questão: 91

O POETA COME AMENDOIM - TEXTO I

Noites pesadas de cheiros e calores amontoados...

Foi o sol que por todo o sítio imenso do Brasil

Andou marcando de moreno os brasileiros.

Estou pensando nos tempos de antes de eu nascer...

A noite era pra descansar. As gargalhadas brancas dos mulatos...

Silêncio! O Imperador medita os seus versinhos.

Os Caramurus conspiram à sombra das mangueiras ovais.

Só o murmurejo dos cre'm-deus-padre irmanava os

[homens de meu país...

Duma feita os canhamboras perceberam que não tinha

[mais escravos,

Por causa disso muita virgem-do-rosáriõ se perdeu...

Porém o desastre verdadeiro foi embonecar esta República temporã.

A gente inda não sabia se governar...

Progredir, progredimos um tiquinho

Que o progresso também é uma fatalidade...

Será o que Nosso Senhor quiser!...

Estou com desejos de desastres...

Com desejos do Amazonas e dos ventos muriçocas

Se encostando na canjerana dos batentes...

Tenho desejos de violas e solidões sem sentido...

Tenho desejos de gemer e de morrer...

Brasil...

Mastigado na gostosura quente do amendoim...

Falado numa língua curumim

De palavras incertas num remeleixo melado melancólico...

Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons...

Molham meus beiços que dão beijos alastrados

E depois semitoam sem malícia as rezas bem nascidas...

Brasil amado não porque seja minha pátria,

Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...

Brasil que eu amo porque é o ritmo no meu braço aventuroso,

O gosto dos meus descansos,

O balanço das minhas cantigas amores e danças.

Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito engraçada,

Porque é o meu sentimento pachorrento,

Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.

(Mário de Andrade. POESIAS COMPLETAS. S.P.: Martins, 1996. p. 109-110)

91 - (CESGRANRIO RJ)

A opção que NÃO apresenta nenhuma correspondência com o conteúdo do texto I é:

a) a politicalha é denunciada como uma patologia da vida nacional.

b) entende-se politicalha como sinônimo de política partidária.

c) destacam-se definições que sublinham a natureza ética e social da política.

d) atribui-se uma conotação particular ao substantivo PARASITA.

e) o autor estabelece oposição entre o verdadeiro sentido da política e o seu falso sentido.

TEXTO: 53 - Comum às questões: 92, 93

CONTAS

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes. Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juízo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchado. De repente, estourava:

– Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinhá Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim, senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo. Na porta, virando-se, enganchou as rosetas das esporas, afastou-se tropeçando, os sapatões de couro cru batendo no chão como cascos.

(...)

RAMOS, Graciliano. Vidas secas. 11. ed. São Paulo: L. Martins, 1964. 159 p.

92 - (UNIRIO RJ)

O personagem Fabiano é um ser moldado pelo meio, que nunca faz o que deseja, realizando aquilo que as circunstâncias impõem. Quaisquer esforços e desejos se tornam inúteis. O trecho do texto que demonstra o desejo de Fabiano para romper com esta estrutura é:

a) "Fabiano ajustou o gado, ..."

b) "se pudesse economizar."

c) "Ficava de boca aberta"

d) "Trabalhar como negro"

e) "Fabiano perdeu os estribos."

93 - (UNIRIO RJ)

Do ponto de vista formal, o texto apresenta uma linguagem sintética, enxuta. Entretanto, este texto contém repetição de palavras e expressões que caracterizam, especialmente, os momentos de reflexão de Fabiano, como se fosse um coro.

O trecho que exemplifica esta afirmação é:

a) "... quem é do chão não se trepa."

b) "... era bruto, ..."

c) "... havia um erro."

d) "Bem, bem."

e) "... ser ignorância da mulher."

TEXTO: 54 - Comum à questão: 94

A velha Sinhá não sabia mesmo o que se passava com o seu marido. Fora ele sempre de muito gênio, de palavras duras, de poucos agrados. Agora, porém, mudara de maneira esquisita. Via-o vociferar, crescer a voz para tudo, até para os bichos, até para as árvores. Não podia ser velhice, a idade abrandava o coração dos homens. Pobre da Marta que o pai não podia ver que não viesse com palavras de magoar até as pedras. Por ela não, que era um resto de gente só esperando a morte. Mas não podia se conformar com a sorte de sua filha. O que teria ela de menos que as outras? Não era uma moça feia, não era uma moça de fazer vergonha. E no entanto nunca apareceu rapaz algum que se engraçasse dela. Era triste, lá isso era. Desde pequena via aquela menina quieta para um canto e pensava que aquilo fosse até vantagem. A sua comadre Adriana lhe chamava a atenção:

– Comadre, esta menina precisa ter mais vida.

Não fazia questão. Moça era para viver dentro de casa, dar-se a respeito. E Marta foi crescendo e não mudou de gênio. Botara na escola do Pilar, aprendeu a ler, tinha um bom talhe de letra, sabia fazer o seu bordado, tirar o seu molde, coser um vestido. E não havia rapaz que parasse para puxar uma conversa. Havia moças mais feias, mais sem jeito, casadas desde que se puseram em ponto de casamento. Estava com mais de trinta anos e agora aparecera-lhe aquele nervoso, uma vontade desesperada de chorar que lhe metia medo. Coitada da filha. E depois ainda por cima o pai nem podia olhar para ela. Vinha com gritos, com despropósitos, com implicâncias. O que sucederia à sua filha, por que Deus não lhe dera uma sina mais branda?, pensava assim a velha Sinhá enquanto na tenda o mestre José Amaro batia sola. Aquele ofício era doentio.

(José Lins do Rego, *Fogo morto.*)

94 - (FATEC SP)

Considere os enunciados a respeito do fragmento:

I. As expectativas familiares de Sinhá frustram-se no momento em que percebe que o marido tem um gênio difícil.

II. A ausência de pretendente para se casar com Marta revela a Sinhá que ela não soubera educar sua filha.

III. A velha Sinhá se dá conta de que o marido vive uma crise cujas razões, porém, ela desconhece.

IV. A relação entre pai e filha, no momento das reflexões da velha Sinhá, está marcada pela violência verbal.

V. A velha Sinhá tem crises de choro ao perceber que sua família está se tornando desconhecida para ela.

São corretos os enunciados:

a) I, II e IV.

b) II, IV e V.

c) II e III.

d) III e IV.

e) I, III e V.

TEXTO: 55 - Comum à questão: 95

Texto 1



Dar mais atenção a você é uma prioridade do Ministério da Saúde, mas é um compromisso que você também deve ter principalmente quem tem pressão alta. Se você é hipertenso, evite sal na comida. É importantíssimo uma alimentação saudável. Não fume, controle o seu peso e a taxa de colesterol. Faça acompanhamento periódico e pratique atividade física regularmente, mas nunca sem consultar um médico. Os postos de saúde estão prontos para atender você.



95 - (EFOA MG)

Assinale a alternativa em que NÃO há elementos lingüísticos que transmitam instruções:

a) “Se você é hipertenso, evite sal na comida.”

b) “Não fume, controle o seu peso e a taxa de colesterol.”

c) “[...] mas é um compromisso que você também deve ter [...].”

d) “[...] mas nunca sem consultar um médico [...].”

e) “Dar mais atenção a você é uma prioridade do Ministério da Saúde [...].”

TEXTO: 56 - Comum à questão: 96



Vai lavar as mãos para o abandono da mata atlântica?

Aproveita enquanto tem água.

22 de março. Dia mundial da água.

96 - (ESPM SP)

A expressão “lavar as mãos” participa da construção de sentido do anúncio acima. Dentre os ditos populares apresentados abaixo, assinale aquele cujo significado seja **oposto** ao que pretende o anúncio:

a) “Mais vale um pássaro na mão que dois voando”.

b) “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

c) “À noite todos os gatos são pardos”.

d) “Em casa de ferreiro, o espeto é de pau”.

e) “Não meta a colher onde não é chamado”.

TEXTO: 57 - Comum à questão: 97

O BRASIL AOS OLHOS DE DARWIN

Ao aportar no litoral da Bahia em fevereiro de 1832, na terceira escala de seu ***périplo*** a bordo do *Beagle*, Charles Darwin ficou ***extasiado*** com a vegetação à sua frente.

Anotou em seu diário: “É uma visão das mil e uma noites, com a diferença de que é tudo de verdade”. Era a primeira vez que o naturalista pisava numa floresta tropical.

Darwin esteve no Brasil por duas vezes, nos trajetos de ida e volta de sua viagem de cinco anos. Ao todo, permaneceu cinco meses e meio no país, tempo suficiente para realizar seus estudos e espantar-se com os hábitos dos nativos. A começar pelo Carnaval. Em Salvador, quando viu os foliões tomar (sic) as ruas e atirar (sic) bolas de cera cheias de água uns nos outros, achou por bem recolher-se à tranqüilidade civilizada do *Beagle*.

Dois meses depois, o navio chegou ao Rio de Janeiro, então capital do império. No Rio, Darwin foi convidado a conhecer uma fazenda de café no norte fluminense. Antes da viagem, criticou em seu diário a demora das autoridades brasileiras em lhe conceder os documentos necessários para viajar com cavalos. “Mas a perspectiva de ver matas selvagens cheias de belos pássaros, macacos, preguiças e jacarés”, ele escreveu, “faz um naturalista até mesmo lamber a poeira das botas de um brasileiro”. A excursão durou quinze dias. No caminho, o explorador só conseguiu se alimentar de galinha e farinha de mandioca, este último ingrediente, segundo Darwin, “o mais importante alimento na subsistência do brasileiro”.

Na volta ao Rio de Janeiro, Darwin deixou o *Beagle* e se hospedou num chalé em Botafogo. Andou pela Floresta da Tijuca, foi ao Jardim Botânico e ao Pão de Açúcar e coletou centenas de plantas e insetos. Fez anotações sobre a “falta de educação” dos brasileiros e a forma como a Justiça era feita no país. “Se um crime, não importa quão grave seja, é cometido por um homem rico, ele logo estará em liberdade. Todo mundo pode ser subornado”, escreveu. As observações mais ***contundentes*** de Darwin sobre o Brasil dizem respeito à manutenção da escravidão e à forma violenta como os escravos eram tratados. Certo dia, inadvertidamente, foi protagonista de um episódio dramático. Um escravo conduzia a balsa na qual ele fazia uma travessia de rio. Tentando se comunicar com ele para lhe dar instruções, Darwin começou a gesticular e a falar alto. A certa altura, sem querer, esbarrou a mão no rosto do negro. Este imediatamente baixou as mãos e a

cabeça, colocando-se na posição que estava habituado a assumir para ser punido fisicamente. “Que eu jamais visite de novo uma nação escravocrata”, anotou ele ao deixar a costa brasileira.

(*Veja*, 09 de maio de 2007)

97 - (CEFET PR)

A partir das opiniões expressas por Darwin, pode-se depreender que:

a) “*É uma visão das mil e uma noites, com a diferença de que é tudo de verdade*.” – corresponde à visão científica de Darwin, não acrescentando, porém, elementos típicos dos viajantes da época do descobrimento.

b) “Mas a perspectiva de ver matas selvagens cheias de belos pássaros, macacos, preguiças e jacarés (...) faz um naturalista até mesmo lamber as botas de um brasileiro.” – demonstra a resignação do naturalista frente à burocracia nacional.

c) “*Que eu jamais visite de novo uma nação escravocrata”*. – resume as impressões de Darwin sobre a fauna e a flora brasileiras.

d) “Se um crime, não importa quão grave seja, é cometido por um homem rico, ele logo estará em liberdade. Todo mundo pode ser subornado.” – sinaliza para uma prática comum também na Europa.

e) “*o mais importante alimento na subsistência do brasileiro*.” – indica claramente uma crítica ao regime alimentar brasileiro.

TEXTO: 58 - Comum à questão: 98

DESAFIO DAS DISTÂNCIAS

Há duas semanas, astrônomos da NASA e da ESA, respectivamente as agências espaciais americana e européia, anunciaram a descoberta de moléculas de metano na atmosfera do planeta HD 189733b, situado a 63 anos-luz de distância da Terra. É a primeira vez que moléculas desse gás são encontradas num exoplaneta, como são chamados os planetas fora do sistema solar. O achado é um passo significativo na busca por vida extraterrestre. Desde que se encontrou o primeiro

exoplaneta, há treze anos, já foram encontrados 277 astros desse tipo. O mais perto que se chegou da descoberta de indícios de vida neles foi a identificação de moléculas de água. O metano, em geral, é produzido como resultado da atividade orgânica. “Assim como a água, ele está entre as substâncias essenciais para a vida”, explica o astrônomo Amâncio César Friaça, da Universidade de São Paulo.

Os cientistas detectaram o gás usando um método conhecido como espectroscopia. Nessa técnica, analisa-se a luz que incide sobre a atmosfera do planeta, produzida pela estrela que ele orbita. A luz é decomposta em diferentes grupos de cores, cada um deles correspondendo a uma substância presente no HD 189733b. Embora a descoberta de metano possa sugerir vida, os cientistas acreditam que, nesse caso, o gás seja resultante de reações químicas, e não da atividade orgânica. Isso porque o HD 189733b é composto de gases e sua temperatura atinge 940 graus. Além disso, sua órbita é tão próxima a sua estrela que a quantidade de radiação sobre a superfície destruiria as células de seres vivos.

(Veja, 02.04.08)

98 - (CEFET PR)

Leia as seguintes afirmações sobre o texto e depois assinale a alternativa correta.

I. Para os cientistas, o gás metano é um indício de que há vida no planeta porque ele é resultado da atividade orgânica.

II. O gás metano, ao lado da água presente no planeta HD 189733b, está entre as substâncias essenciais para o desenvolvimento da vida.

III. A proximidade do HD 189733b com a estrela que orbita implica em uma quantidade de radiação fatal para as células dos seres vivos.

Está(ão) correta(s) somente:

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e III.

e) II e III.

TEXTO: 59 - Comum à questão: 99

Carta sobre a felicidade (a Meneceu)

Epicuro

[...] Consideremos que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo.

Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos pela sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir.

[...]

Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas. [...]

Consideremos ainda a auto-suficiência um grande bem; não que devamos nos satisfazer com pouco, mas para nos contentarmos com esse pouco caso não tenhamos o muito, honestamente convencidos de que desfrutam melhor a abundância os que menos dependem dela; tudo o que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo o que é inútil.

Os alimentos mais simples proporcionam o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas, desde que se remova a dor provocada pela falta: pão e água produzem o prazer mais profundo quando ingeridos por quem deles necessita.

Habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não só é conveniente para a saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte.

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é a ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. [...] a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas. [...]

(Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore.

São Paulo: Ed. Unesp, 2002)

99 - (ESPM SP)

No 3º parágrafo, há uma teorização sobre o "prazer": "Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas.

[...]"

Assinale a alternativa cuja idéia seja uma continuação coerente ao pensamento acima:

a) "Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir."

b) "Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. Daí a crença de que causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons."

c) "Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, mas um exame que remova as opiniões falsas que tomam conta dos espíritos."

d) "Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos."

e) “Pois é livre para fazê-lo, se for esse realmente seu desejo; mas se o disse por brincadeira, foi um frívolo em falar de coisas que brincadeira não admitem. Se ele diz isso com plena convicção, por que não se vai desta vida?”

GABARITO:

1) Gab: D

2) Gab: C

3) Gab: A

4) Gab: A

5) Gab: E

6) Gab: C

7) Gab: C

8) Gab: C

9) Gab:

a) *Rede, navegando, bate-papo, conversa.*

b) *No ditado popular, "gato" tem sntido pejorativo, indicando engano ou logro, enquanto no campo das relações amorosas assume um sentido positivo, na medida em que "gato" (ou "gata") indica uma pessoa com grandes atrativos físicos.*

10) Gab:

O trocadilho entre depende e dependência na prova final de Matemática desencadeia o humor da tira, uma vez que, sutilmente, a menina quis dizer ao pai que havia sido reprovada.

11) Gab:

1º sentido: As pessoas as quais você vai presentear estão lá.

2º sentido: As pessoas das quais você vai receber presente estão lá.

3º sentido (metonimicamente): Os presentes que você precisa comprar estão lá.

4º sentido: Os funcionários dessas lojas são seus amigos, embora você não os conheça.

12) Gab: A

13) Gab: A

14) Gab: D

15) Gab: B

16) Gab: D

17) Gab: B

18) Gab: E

19) Gab: E

20) Gab: D

21) Gab: D

22) Gab: B

23) Gab: B

24) Gab: B

25) Gab: A

26) Gab: A

27) Gab: A

28) Gab: D

29) Gab: E

30) Gab: C

31) Gab: D

32) Gab: A

33) Gab: B

34) Gab: D

35) Gab: D

36) Gab: C

37) Gab: C

38) Gab: A

39) Gab: B

40) Gab: A

41) Gab: A

42) Gab: D

43) Gab: E

44) Gab: D

45) Gab: E

46) Gab: A

47) Gab: B

48) Gab: D

49) Gab: C

50) Gab: E

51) Gab: C

52) Gab: B

53) Gab: B

54) Gab: C

55) Gab:C

56) Gab: D

57) Gab: E

58) Gab: B

59) Gab: B

60) Gab:A

61) Gab: D

62) Gab: D

63) Gab: C

64) Gab: E

65) Gab: A

66) Gab: B

67) Gab: C

68) Gab: D

69) Gab: A

70) Gab: D

71) Gab: D

72) Gab: D

73) Gab:A

74) Gab: C

75) Gab: E

76) Gab: C

77) Gab: B

78) Gab: A

79) Gab: D

80) Gab: B

81) Gab: A

82) Gab: D

83) Gab: D

84) Gab:A

85) Gab: D

86) Gab: E

87) Gab: B

88) Gab: D

89) Gab: C

90) Gab: B

91) Gab: B

92) Gab: B

93) Gab: B

94) Gab: D

95) Gab: E

96) Gab: E

97) Gab: B

98) Gab: D

99) Gab: C